

ESTRANGEIROS EM SANTA CATARINA

Lourival Câmara

Antigo Diretor do Dep. Estadual de Estatística
de Santa Catarina e atual Chefe do Serviço de
Divulgação do I. B. G. E.

TIPOS DA SOCIEDADE CATARINENSE

Ao dar-se ao trabalho de “desmontar as diversas peças de que se compõe o vasto organismo da sociedade dita brasileira, para ver como êle se formou e funciona”, OLIVEIRA VIANA deparou, afinal, numerosos elementos de composição e conformação diferentes, mas, nada obstante, os reuniu, sob a alegação da existência de característicos comuns de morfogenia, em três grandes grupos distintos, “cada qual com sua história e seu tipo específico: o grupo-norte, com o sertanejo; o grupo centro-sul, com o matuto; o grupo extremo-sul, com o gaúcho”.¹

O agrupamento catarinense, no entanto, se diferencia, na história e no tipo, das sociedades que produziram, respectivamente, o sertanejo, o matuto e o gaúcho, apresentando, todavia, ocorrência do último tipo, na região limítrofe ao Rio Grande do Sul. De heterogeneidade ressaltante, a sociedade catarinense longe está de apresentar um tipo sômato-psíquico capaz de representar o seu universo, sem fortes discrepâncias. No conjunto, apenas uma característica ressaltou: a quase homogeneidade dermocrômica, o elevado índice de alvura, singular no país. Mas, essa peculiaridade se nos afigura traçoeiro ponto-de-pegas para conclusões de natureza antrope-social, e carece da idoneidade necessária e suficiente para caracterizar precisamente a população. Há, pois, abandoná-la, avisadamente.

Em Santa Catarina, verificam-se, salvante nucléolos episódicos, três zonas antropogeográficas:

- a) — a da beira oceânica;
- b) — a da colonização propriamente dita (compreendendo os vales dos principais rios);
- c) — a dos campos (abrangendo a região fisiográfica serrana do centro).

Cada qual com sua norma, seu indivíduo representativo: o praiano, o colono, o serrano, diversificados fundamentalmente na *soma* e na

¹ *Populações meridionais do Brasil.*

Há cerca de dez anos, o Sr. LOURIVAL CÂMARA publicou um ensaio em torno dos estrangeiros em Santa Catarina, a fim de evidenciar os aspectos benéficos e os maléficos da colonização européia naquele Estado meridional. Observações posteriores, entretanto, levaram o autor a modificar certas opiniões e a dedicar maior tempo ao estudo da participação do negro na constituição da sociedade catarinense.

O trabalho definitivo, inédito ainda, é agora divulgado pela *Revista*, e constitui advertência muito amadurecida aos que examinam a possibilidade de recolonizar, com elementos europeus, aquela unidade federada. Houve, como o pormenoriza o Sr. LOURIVAL CÂMARA, erros dolorosos no passado, quando se instalaram, em pontos insulados, alemães, ou italianos, ou poloneses, nos vales catarinenses, com a conseqüência da formação de “quistos” raciais perturbadores da nacionalidade. É de mister, agora, reexaminar a matéria. Como diz o autor, “o passado, quando vivido, é o melhor mestre”.

psyché, bem assim no comportamento social, nas manifestações culturais, nas atividades econômicas.

O praiano revive o avoengo açoriano. “No meio das variações incessantes,” — é RIBOT² quem o afirma — “existe um fundo que sempre permanece inalterável, o que permite à natureza copiar-se e imitar-se constantemente”.

O homem das praias catarinenses é bem a reprodução, degenerada, do açoriano que malogrou no litoral à época do povoamento. OSVALDO CABRAL³ fixou, com precisão, o quadro dessas populações praiieras: “Vivem estas como outrora viveram as póvoas paternas: sem estímulo, abandonadas, guardando a mesma primitiva organização, mantendo-se precariamente da pesca diária, da pequena lavoura e da indústria da farinha preparada em pequena escala. Os habitantes parecem esperar do céu favores e desgraças, num fatalismo maometano, recebendo-os a ambos com a indiferença dos vencidos”.

Localiza-se a população praiana à margem do Atlântico, desde a latitude 25°57'36" à 29°21'48", na extensão de 531 quilômetros e de profundidade variável até, no máximo, 30 quilômetros.

Pretendeu-se atribuir a paternidade da apatia dessas gentes a determinismos telúricos, que, com força insopitável, incompatibilizariam o solo e o clima com a vida humana. O clima, porém, não engendra absolutismos, tanto que relativa a sua atuação: “Não é apenas meteorologia — aquelas infáveis médias, que não existem senão no cálculo — nem tem as inevitáveis conseqüências para a saúde e a vida — não há doenças climáticas. Como a vida reage e se modifica ao meio, há uma arte de ajudar o clima e de se adaptar a êle, felizmente”.⁴

As causas essenciais da apatia evidenciada devem ser buscadas, preliminarmente, nas condições econômicas dessas massas humanas, que lhes não permitem o estabelecimento dum estado sócio-cultural menos primitivo e tanto mais chocante quando comparado ao das, por exemplo, regiões de colonização. As populações praiieras, de pequena estatura, indolentes, resignadas, anquilosadas, esquizotímicas, vivendo no minifúndio e sem assistência exterior, procuram obter, com o menor dispêndio de energias, o alimento de cada dia, que consiste no peixe, na farinha de mandioca, no café, no açúcar de engenho e na aguardente.

Se o homem é função do alimento, como a psicologia o é da morfologia, bem se avaliam os resultados dessa alimentação, monótona, desarmonica, incompleta, pobre em sais minerais, paupérrima em vitaminas, ora exclusiva de carbo-hidratos. Ao cabo de períodos de subnutrição, sobrevém a desnutrição e, daí, a inanição. ARMAND GAUTHIER esclarece que “ces pauvres gens, insuffisamment alimentées, finissent par s’alanguir dans une sorte de passivité et de rêve et s’épuisent plus ou moins vite”.⁵

² *L'hérédité psychologique*, apud SÍLVIO RABELO, in *Psicologia da infância*.

³ *Santa Catarina*.

⁴ AFRÂNIO PEIXOTO, *Clima e Saúde*.

⁵ *L'alimentation et les régimes chez l'homme sain et chez les malades*.

JOSUÉ DE CASTRO, estudando as conseqüências da alimentação monótona no Brasil, geralmente à base de farinha de mandioca, exatamente como entre os praianos catarinenses, observou que elas “se desdobraavam em vários aspectos sôbre a vida orgânica e psíquica do brasileiro, dando-lhe êsse tipo de homem fraco e subnutrido, com um pêso abaixo do normal, com uma incapacidade crônica para o trabalho, com um índice de longevidade assustadoramente curto e, ainda por cima, com um índice de mortalidade infantil dos mais altos do mundo”.⁶

Todos êsses fenômenos ocorrem entre os praianos de Santa Catarina, além da elevada taxa de natalidade. As mulheres singularizam-se pela precocidade das funções de reprodução e pela incomum prolificidade, à qual talvez não seja estranha a ação do ambiente iodado sôbre a tireóide.

A massa de nascimentos, entretanto, é violentamente reduzida no seu aproveitamento futuro, já pelo decréscimo inicial, derivado da expressão ponderável de natimortos, já pelo excessivo obituário de infantes.

Não constitui objetivo do presente trabalho o estudo demorado do praiano. Daí, pois, a despeito da sedução que a matéria encerra, o nosso ponto final no assunto, para a consagração do tempo ao estudo dos estrangeiros, do colono, não, sem antes, uma apreciação ligeira em tórno do serrano.

O segundo tipo humano de Santa Catarina é o serrano, revivescência somática do bandeirante, do mamaluco, cuja antropogênese, por sua vez, é das mais complexas, tanto que resultante de cruzamentos e recruzamentos do português, onde vários sangues se englobaram, com o indígena tupi. No mapa etnológico de Santa Catarina, a região serrana do centro oferece maior índice de descendência túpica, embora seja insignificante essa expressão numérica, quando inscrita na distribuição percentual específica do Brasil.

Gerado por uma sociedade formada por grupo humano e *habitat* diferentes dos que estruturaram a praiana, o serrano há de ter, *ipso facto*, diferentes característicos somáticos e psíquicos, participando, em múltiplos aspectos, do tipo tradicional do gaúcho, ao qual se vincula, aliás, por efeito de contigüidade geográfica.

O meio, ora pela sua amplidão, ora pela sua agressividade natural, mais acentuada em virtude das condições de insulamento, exerceu poderosa influência na psicologia do serrano, essencialmente individualista, egocêntrico, reservado, extremado nos sentimentos, no ódio como no amor. O culto à honra, à lealdade, atinge paroxismos de obsessão: o empenho da palavra tem valor superior a milhões de cruzeiros ou à própria vida humana. A “honra da família” é bem sagrado, que não admite nenhuma irreverência, nenhum atentado, sob pena de morte.

Ao reverso do praiano, dominado por forte complexo de inferioridade, o serrano alimenta sensível complexo de superioridade, que se

⁶ A alimentação brasileira à luz da geografia humana.

manifesta, acima de tudo, no absolutismo, na intolerância, na impulsividade. A alimentação, que se constitui de carne, e carne só, há de ter influído na acentuação do absolutismo. Modernos nutricionistas vêm demonstrando que o regime monoproteico acarreta, além de sérios distúrbios funcionais, agressividade de caráter. GAUTHIER diz que "l'exagération du régime carné n'est donc favorable à aucun point de vue. Nous avons dit plus haut qu'il rend les individus plus agressifs, plus absolus..."⁷

O fundamento econômico da sociedade serrana é a pecuária, consequência do latifúndio e da expansão daquele "ciclo", fruto do bandeirismo, de que nos fala ROBERTO SIMONSEN⁸, quando tropas e mais tropas de gado maior, especialmente vacum, iam dos campos sulinos para o consumo do centro, por intermédio das famosas feiras de Sorocaba. Zona de acesso aos campos paranaenses, o planalto catarinense, na sua região pròpriamente serrana, serviu de pousos, de invernadas, que se foram povoando de tropeiros, de famílias, e se transformando em arraiais, em freguesias, em vilas.

A sociedade serrana, de modo geral, copia a dos pampas, com a tipicidade do gaúcho.

O terceiro tipo humano de Santa Catarina é o colono, que será estudado em capítulo especial.

A COLONIZAÇÃO

Não nos parece desnecessário rememorar que Santa Catarina permaneceu, nos dois primeiros séculos do descobrimento, a salvo de favores e olhares da metrópole portuguesa, que se voltava sucessivamente para o pau-brasil, as especiarias, a cana de açúcar, a mineração, a pecuária, o algodão, e, de outra parte, temente às ameaças de Castela, interessada no sul.

A penetração do território catarinense foi labor paulista: penetração bilateral, com sentidos diversos, intrinsecamente contraditórios e com homens distintos. Um ramo, partido do altiplano de São Paulo, tendo o mamaluco nômade à frente, com o sentido da extensão e da espessura, visando ao devassamento dos intermúndios dalém Serra do Mar, à batida dos silvícolas, ao gado que os espenhóis alastraram pelos pampas. O outro ramo, com trajetória curta e definida, sem afastamento do Atlântico, tendo o mulato à vanguarda, objetivando a fixação, a sedentarização.

Portugal mandou, já quase ao meio-dia do mil e setecentos, gente de suas ilhas: o povoamento açoriano, no entanto, não significou reconhecimento metropolitano à necessidade de se mandarem braços a Santa Catarina para a definitiva conquista territorial, para a lavoura e, conseqüentemente, para o enriquecimento da coroa. Em efetuando

⁷ *Op. cit.*, pág. 495.

⁸ *História Econômica do Brasil.*

o transporte de casais ilhéus, tiveram em mira as Côrtes o descongestionamento dos Açôres, então com gorda densidade demográfica e a causar nós e protestos. A colonização açoriana não teve outra finalidade, entre nós, que a de encorpar a população dos grupos vicentistas, de São Francisco a Laguna. E — diga-se de passagem — açorianos e vicentistas sabiam ser espantosamente prolíficos! . . .

Econômicamente, e já o vimos anteriormente, o português não vingou, dada a sua indolência, a tendência à pesca e conseqüente abandono da agricultura (relegada a parques escravos, crioulos e africanos do grupo bântu, especialmente congos), a militarização de todos os homens válidos, a época de insegurança política e administrativa e a opressão despótica dos governos de Lisboa, que lhe arrancavam “contribuições forçadas de produtos da lavoura, como a da farinha, para atender à alimentação das tropas, não só da capitania como, também, do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul”.⁹

Remanescentes dêsses primitivos colonos são os atuais praianos, que vivem vida idêntica, de incapacidade, de torpor, de miséria.

A proclamação da independência política do país exteriorizou o seu consciente nativista, entremostrando correlativamente o subconsciente democrático, já cristalizado e prestes a atuar, através da manifestação em prol da abolição da escravatura negra. A idéia da abolição sobrepairava, espectral, a derrocada da economia brasileira, assentada nas condições ergológicas do africano. Libertos os negros, derruída se veria a monocultura cafeeira. E o café era o Brasil . . .

O pensamento redencionista ganhou, porém, terreno, fortemente adubado pela Inglaterra. “Habitua-se, então, os brasileiros à idéia de que, algum dia, não mais terão escravos. A colonização estrangeira é a esperança dos estadistas. Sentem êstes que o tráfico não mais será possível, tanto que se cumpram as leis e tratados.”¹⁰

A tentativa de colonização alienígena no centro fracassou por obra e graça das medidas governamentais: aos colonos lhes prometera tudo o Governo, mas tudo lhes negara, apenas chegados ao Rio. Viu-se, até, o “Governo fazer questão das passagens abonadas aos colonos, pelo seu agente na Europa”.¹¹

O braço estrangeiro, entretanto, precisava acorrer ao Brasil, principalmente para as fazendas de café, em São Paulo, e para o sul, de população rarefeita e a oferecer compatibilidade mesológica, notadamente climática: imperativo econômico. Ter-se-ia de seduzir o estrangeiro, prometendo-lhe tudo, inclusive a liberdade religiosa, até então obstinadamente proibida por influência clerical.

Em 1824 se ofereciam aos agricultores alemães: “Viagem livre do lugar de embarque até a colônia; direito de cidadão brasileiro depois da chegada ao Brasil; tolerância de religião; doação de um lote de terras medidas e demarcadas contendo a área de 160 000 braças quadradas

⁹ JACINTO DE MATOS: *Colonização do Estado de Santa Catarina*.

¹⁰ PEDRO CALMON: *História da civilização brasileira*.

¹¹ AUGUSTO DE CARVALHO: *Colonização e emigração*.

(303 *morgen* magdeburgueses ou 272 *morgen* da Prússia); fornecimento gratuito de cavalos, gados, etc.; concessão de subsídios pelo espaço de dois anos; dispensa do serviço militar durante os dez primeiros anos; e, finalmente, isenção de impôsto pelo mesmo tempo. Em troca de tôdas essas vantagens, os colonos engajados só tinham por obrigação: não vender, durante os dez primeiros anos, os seus prazos coloniais, cultivando-os e habitando-os.¹²

Os compromissos falharam, no entanto. É que a exeqüibilidade da colonização não fôra devidamente reconsiderada: olhava-se o fim, olvidando-se os meios. Daí, a desarticulação, os desatinos, a proibição, na Europa, da vinda de braços. Mas, em meio à confusão ambiente, a escurecê-la mais, a apontar, aumentando de forma e grandeza, a ameaça da liberdade ao negro, trazendo, como corolário imediato, tremendo abalo econômico no anemiado organismo nacional.

As antíteses se sucedem e os paradoxos se reproduzem: fomenta-se a propaganda, na Europa, pró-imigração mas, aqui, se proíbe tôda e qualquer despesa com a colonização estrangeira (Lei de 15 de dezembro de 1830)...

Os agentes consulares desenvolvem a propaganda, especialmente junto à Itália e à Alemanha: ambas oferecem o clima psicológico propício às migrações.

A Itália, manietada ao jugo austríaco, é freqüentemente solapada por movimentos revolucionários: ora em Nápoles (*carbonari*), ora em Turim e no Piemonte, ora nos ducados de Modena e Parma. É o *Risorgimento*, que domina a península inteira. São as revoltas dirigidas contra o absolutismo, e de eunho unitário, plasmando o consciente da nacionalidade. É o caos.

A Alemanha torna-se palco de convulsões intestinas e sofre, face às medidas de PEEL, relativamente ao protecionismo da política de economia na Inglaterra. Sempre a Inglaterra e a Alemanha: da luta comercial à guerra.

O êxodo das populações alemãs se intensifica, sugerido mesmo pelo próprio Governo: o BARÃO DE ARNIM lembra a conveniência de a colonização dirigir-se particularmente à América meridional, a fim de se constituírem, aí, postos de consumo dos produtos manufaturados na Alemanha.

Pelos anos a fora vêm, então, acorrendo ao Brasil, distendendo-se do centro para o sul, ondas imigratórias: alemães, italianos, portugueses, espanhóis, turcos, etc., etc. Não se faz colonização, mas povoamento. A qualidade cede à quantidade. Desejam-se braços e o alevantamento da densidade demográfica. ALBERTO TÔRRES diz, autorizadamente: "Na anarquia política, social e econômica em que temos vivido, a colonização tem sido simples implantação de populações estranhas no país."¹³

Encara-se unilateralmente a questão, sem a menor preocupação quanto aos seus efeitos: até soldados mercenários, rebeldes, temidos,

¹² ADALBERTO JAHN: *As colônias de São Leopoldo*.

¹³ *A organização nacional*.

servem para a fundação de núcleos agrícolas. É o caso, em nosso Estado, de São Pedro de Alcântara.

Não se opera seleção, nem se medem capacidades. Nas levas imigratórias, há promiscuidade funcional: tanto há músicos e jornalistas, como carpinteiros e naturalistas, boticários e latoeiros, como poucos agricultores, e gente que vem conhecer o Brasil, com passagem paga, de ida e volta. Vêm braços: para isso lá estão, na Europa, os agentes consulares.

E, pelos anos a fora, a “colonização” continuou, eivada dos mesmos erros, sem merecer dos mentores do Império a devida análise e conseqüente coibição, nada obstante o Marquês DE ABRANTES, então conde, haver proclamado, em 1844, a necessidade de se “promover a colonização, atraindo braços livres e capitais, que se estabeleçam, quanto antes, nas províncias do sul, e formem diversos núcleos de povoação e viveiros de colonos aclimados para a cultura do país e comecem a organizar o trabalho livre, o qual terá a dupla vantagem de mostrar praticamente quanto é êsse trabalho preferível ao forçado, e de ir enchendo na produção geral o vazio que a extinção do tráfico e a diminuição de braços escravos deve necessariamente causar”...

* * *

A colonização oficial do Estado incluída no plano geral sob a orientação do centro, dos gabinetes imperiais, teve, também, os característicos lacunosos anteriormente apontados: os agentes consulares, confundindo povoamento com colonização, mandavam braços para o Brasil.

Não houve, aqui, seleção do homem, nem desobriga de compromissos, nem, muito menos, a preocupação de localização: lançavam-se os colonos às nascentes dos rios, em terrenos sáfaros, em superfícies acanhadas. A imprevidência e o desconhecimento, de mãos dadas.

JACINTO DE MATOS¹⁴ regista: “Ainda hoje se pergunta, com razão, porque localizaram tão mal a sede de São Pedro (de Alcântara) em um lugar apertado e sem espaço para se estender. Primou o acaso na escolha, para a construção de palhoças, quando foi efetuada a grande derribada. Pode haver a desculpa do não conhecimento do terreno...”

A idéia fixa da derribada de matas e do estabelecimento de nódulos populacionais empolgava os nossos dirigentes centrais, que não hesitaram em estabelecer colônias até com soldados indolentes, tirados de corpos do exército e sem conhecimento do manejo de uma enxada, de uma pá, de uma foice, de um machado.

A colonização particular já não apresentou os mesmos erros, embora noutros incidisse, e degenerasse, às vêzes, em veículo de extorsões junto aos colonos. A esta, porém, se deve, no Estado, a expansão de quase todos os núcleos e, mesmo, de muitas regiões.

No capítulo competente ventilaremos, com o vagar necessário, os efeitos da colonização entre nós, já que suas causas, sua história, foram descritas.

¹⁴ *Op. cit.*, pág. 50.

ESTRANGEIROS EM SANTA CATARINA

Sob a denominação de colonos e destinados à colonização, penetraram em massa o território catarinense, desde a época da Independência, alemães, austríacos, italianos, suíços, portugueses, russos, espanhóis, noruegueses, franceses, ingleses, etc.

De todas as etnias, de todas as nacionalidades, aqui aportaram elementos, fixando-se uns, regressando outros. Maiores contingentes numéricos ofereceram, entretanto, alemães, italianos, poloneses, austríacos e russos, revelando concomitantemente maior capacidade de fixação.

Ora através de estimativas precárias baseadas em relatórios oficiais, ora com o auxílio dos recenseamentos gerais do país, conhecem-se os totais de estrangeiros em Santa Catarina, em vários anos:

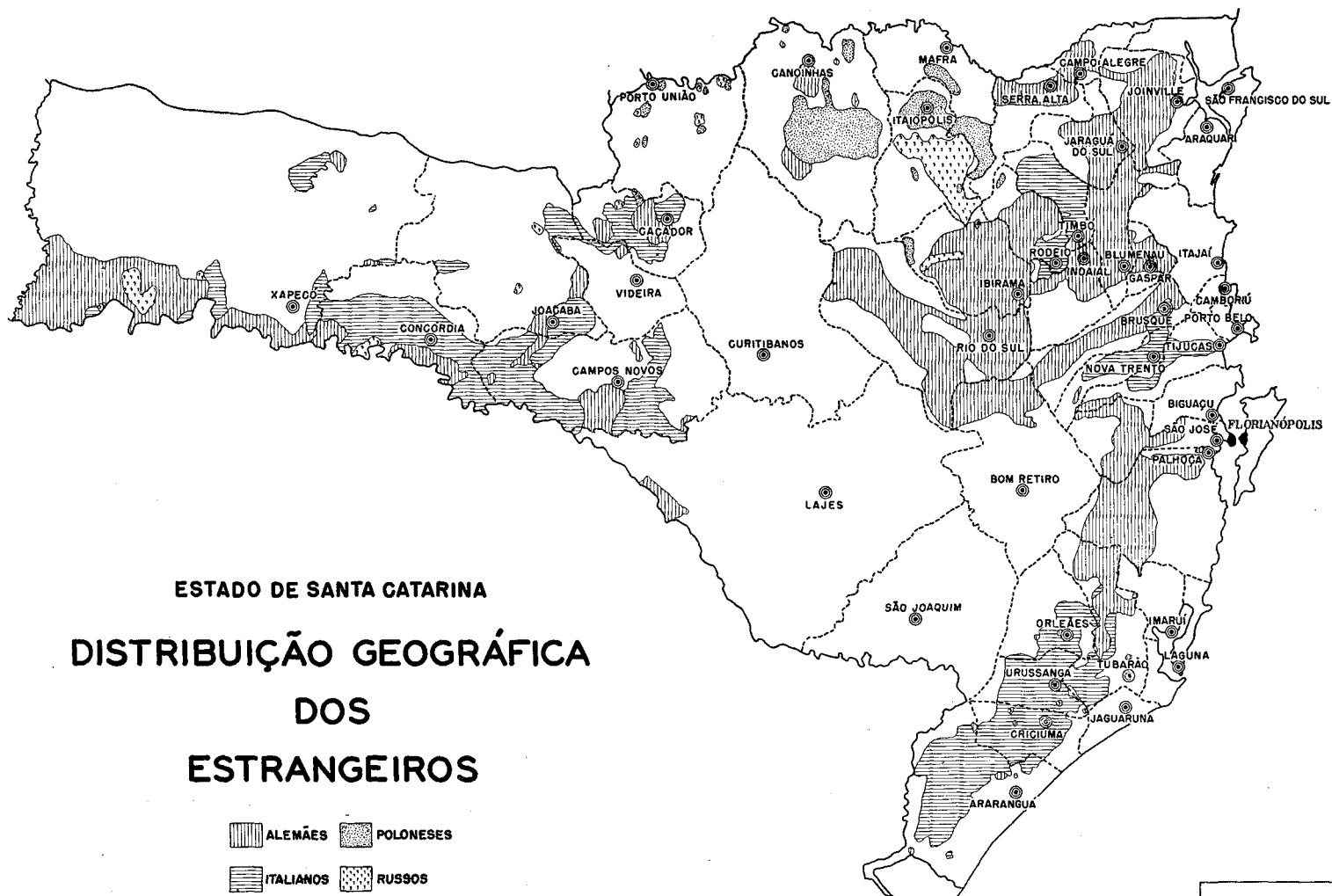
ANOS	ESTRANGEIROS	
	Número	% da população total
1850.....	1 342	1,79
1858.....	6 444	5,04
1872.....	21 761	13,61
1900.....	32 146	10,03
1920.....	31 243	4,67
1940.....	21 532	2,31

Segundo a nacionalidade, os estrangeiros presentes no Estado, em 1940, distribuíam-se assim: 11 291 alemães, 3 928 italianos, 1 960 poloneses, 372 sírios, 286 portugueses, 144 espanhóis, 54 uruguaiois, 2 japoneses.

A pequenez do número de estrangeiros poderá causar espécie a quem, da nossa geração, sempre ouviu dizer, e notadamente no norte do país, onde, aliás, até hoje vige esse conceito, que Santa Catarina era um pedaço da Europa, particularmente da Alemanha, dentro do Brasil. Embora em linhas adiante se pormenorize bem a condição do estrangeiro no Estado, é de mister, desde já, assinalar que os 21 532 estrangeiros recenseados podem ser classificados como "de direito". Os "de fato" são em número muito maior e contam, logo de início, com o acréscimo de 5 669 naturalizados brasileiros.

Não interessam, salvo em caráter relativo de pouca importância, aos estudos sociais, os estrangeiros assim considerados sob o aspecto jurídico, mas, e especialmente, em função do seu estado cultural, para a mensuração da resistência à acomodação ou à assimilação.

Diga-se de passagem que, a despeito de existirem, em 1940, no Estado, 27 201 pessoas estrangeiras e naturalizadas, contavam-se 295 477 que, no lar, comumente falavam idioma diferente do português: há, aí, o incremento de 907% sobre a população juridicamente estrangeira.



LEGENDA
● Sede municipal
--- Limite intermunicipal

Os alemães se adensam, no Estado, principalmente no vale do Itajaí (compreendendo os municípios de Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó, Rodeio, Ibirama e Rio do Sul), em Joinville, em Jaraguá do Sul, em Brusque, em Bom Retiro (nos distritos de Ituporanga e Perimbó), em Serra Alta. Acham-se os germânicos, todavia, espalhados por quase todo o Estado. Assim, no município de Itajaí (distrito de Luís Alves), no de Palhoça (distritos de Cambirela, Rancho Queimado, Queçaba, Anitápolis e São Bonifácio), no de São José (distritos de São Pedro de Alcântara e Angelina), no de Tijucas (distrito de Boiteuxburgo), no de Nova Trento (distrito de Vargedo), no de Campo Alegre, no de Tubarão (distritos de Rio Fortuna, Braço do Norte, Armazém e Pedras Grandes), no de Orleães, no de Cresciúma (em Mãe Luzia), no de Araranguá (em Praia Grande, Rio do Meio e Barra do Juquiá), no de Lajes (distrito de Cêro Negro), no de Canoinhas, Caçador, Concórdia, Campos Novos, Joaçaba e Xaçecó (a paralelo, aqui, do rio Uruguai).

Os italianos encerraram-se no vale do Tubarão (compreendendo os municípios de Tubarão, Uruçanga, Cresciúma, Jaguaruna e Orleães), nos municípios de Tijucas e Nova Trento, Rodeio (no distrito da sede), Indaial (distrito de Ascurra), espalhando-se pelos de Araranguá, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concórdia, Joaçaba, Videira e Xaçecó.

Os poloneses estendem-se pelos municípios de Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Pôrto União, Caçador, mas, principalmente, no de Itaiópolis.

Os russos (ucranianos) se agrupam em Uruçanga, Cresciúma, Ibirama, Pôrto União, Itaiópolis, Caçador, Joaçaba, Concórdia e Xaçecó.

ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS ESTRANGEIROS

Alemães — Há, de início, salientar que, sob a denominação genérica de “alemães”, se englobam todos quantos procedem da Alemanha: provenham da Baviera, ou de Württemberg, ou da Saxônia, ou da Suábia, como sejam hanoverianos ou bálticos, ou meclemburgueses, ou hamburgueses. Originem-se da Alta Alemanha, dos Vosges, da Turíngia, como, também, nas zonas planas regadas pelo Reno, Vístula, ou pelo Elba.

Os registos oficiais de imigração, consignando apenas a nacionalidade do estrangeiro e olvidando a respectiva naturalidade, entravam seriamente qualquer observação menos superficial sôbre o comportamento social e a atividade econômica do alienígena em terras brasileiras. A generalização motiva, no caso vertente, os maiores embaraços. Mas, face à impossibilidade de obtenção de pormenores, há de considerar-se homogêneo o todo, embora heterogêneas sejam as partes. É o recurso.

O alemão inicia sua atividade, no Estado, em geral, como agricultor. Assim há sido desde os primórdios da colonização. Favorecido pelo Governo, ou pelas companhias colonizadoras, adquire um lote, de

25 a 30 hectares, pagando o respectivo custo em troca da construção de estradas, ou em espécie, à medida que a terra lhe vai prodigalizando rendimentos. Exerce, entretanto, a indústria no domicílio, como imperativo da economia de consumo. E breve se torna pequeno proprietário rural.

O sentido econômico do lote colonial é a auto-suficiência, que serve de explicar, já inicialmente, a policultura. Plantam-se, preferentemente, as espécies vegetais destinadas à alimentação humana, e os respectivos excedentes permitem ao colono efetuar a troca, geralmente num armazém cujo proprietário também é alemão, com utilidades manufaturadas ou de impossível produção no lote: sal, querosene, tecidos, ferragens, etc. É inerente ao espírito do colono o atributo da poupança, que não deve ser confundido com avareza: o alemão não inutiliza, como nos meios nacionais, qualquer coisa que ainda possibilite aproveitamento. Nas pastagens, por exemplo, não se encontram excrementos animais: um dos garotos da família os recolhe, à tardinha, depois da aula, para aplicação nas hortas.

Esse espírito de poupança conduz o colono à multiplicidade de tarefas e, por isso, há, no lote, pequenas oficinas mecânicas, carpintaria, ferraria, a eletricidade, e que, com o tempo, podem transformar-se, e comumente isto ocorre, em fabriquetas, em fábricas..

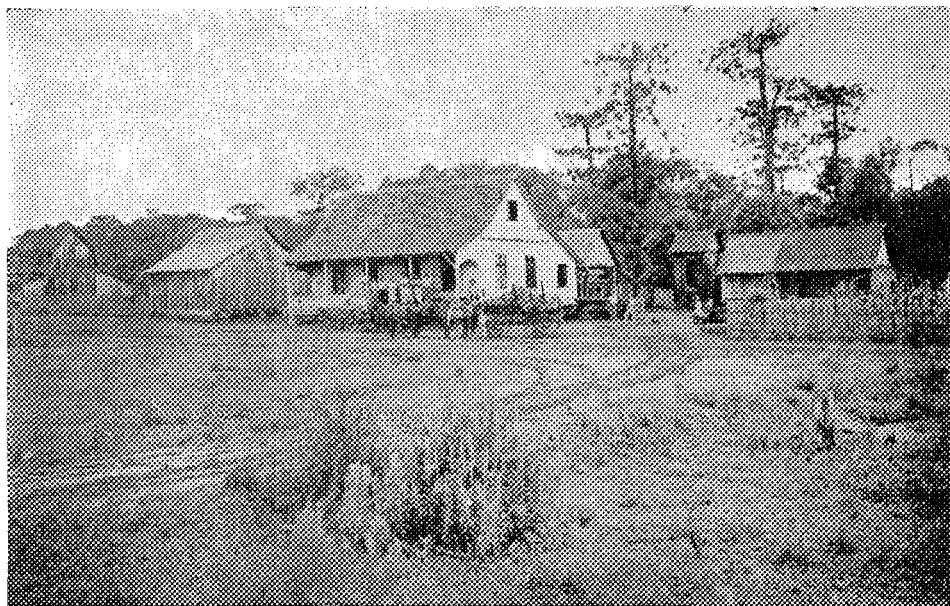


Fig. 1 — O alemão no planalto. Casa comercial no município de Bom Retiro, em zona de colonização alemã.

Há no alemão, e de maneira bem marcante, o senso industrial. Isto não autoriza o juízo, todavia, que poderia ser formulado *a priori*, de que o alemão radicado em Santa Catarina tenda à concentração urbana, como se verifica entre os germânicos dos Estados Unidos e de São Paulo. Ao contrário: não falta, entre os teutônicos daquela uni-

dade federada, o "espírito rural". Se o trouxeram, adquirido lá, no "fértil vale, rodeado de magníficas florestas, do Reno", é temerário defender. Mais prudente será adiantar-se que o adquiriram aqui, avolumando-o na sucessão dos dias, por imposição do ambiente e das circunstâncias de colonização.

O alemão, encaminhado ao amanho da terra, não a trabalhou à guisa de agregado, ou de escravo. Trabalhou-a para os seus. Quanto mais produzisse ela, tanto mais enriquecido se tornaria êle. Sedentarizou-se. Ruralizou-se, agindo em dissonância com a população rural do Brasil.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO afirma que "a massa rural, ignorante, pobre e realmente brasileira, não ama a terra: suporta-a porque está jungido a ela como o antigo servo à gleba. Mas, sempre que pode, abandona-a. O nomadismo das populações rurais é impressionante".¹⁵

Focalizando o impressionante nomadismo das populações rurais brasileiras, o eminente sociólogo indicou, com inteligência, um dos aspectos mais graves da nossa civilização, mas pretendeu explicá-lo com o auxílio de argumento que se não conforma à realidade. As grandes migrações internas, no Brasil, não decorrem de causas étnicas, nem sociais, tanto que essencialmente econômicas, porque resultantes do impiedoso, brutal e perigoso abandono em que jaz o interior brasileiro, onde se não encontram condições de vida superiores à de dois ou três séculos passados.

As elites políticas do país lhes cabe a responsabilidade de desviar o rumo natural da civilização brasileira, de sentido interior, para promover o afluxo de massas humanas e a concentração de energias econômicas no litoral, particularmente em dois ou três centros metropolitanos. O crescimento urbano foi, em nosso caso, função contínua do depauperamento interior.

Não se pode, pois, afirmar que a população rural do Brasil desame profundamente a terra. Muito diferentes foram as condições de fixação do germânico. O alemão se plantou na terra que era sua. O ponto de partida foi a pequena propriedade. E progrediu. Vem a jeito lembrar PLÍNIO: "Latifundia perdidere Italiam". As grandes propriedades, os latifúndios excessivos, adianta ARAÚJO LIMA, entravam o saneamento, o progresso e a civilização. Atentam, pois, contra o interêsse público geral.¹⁶

O censo de 1940 revela, a propósito, números sobremodo expressivos. Na Bahia, 5% dos estabelecimentos agrícolas retinham mais de 60% da área total; em Pernambuco, 3% dos estabelecimentos concentravam 50% da área territorial global; no Maranhão, 3% dos estabelecimentos com 72% da área; no Rio de Janeiro, 7% dos estabelecimentos com 56% da área. Em Santa Catarina, os estabelecimentos agrícolas menores de 1 000 hectares representavam 99,41% do total e ocupavam a área de 75,69% da geral.

¹⁵ AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: *Conceito de Civilização Brasileira*.

¹⁶ *A Amazônia: a terra e o homem*.

Caracterizando a população catarinense, o aludido censo verificou a existência de 14,03% proprietários de imóveis, como média geral do Estado. Entre os brasileiros natos, 13,46% dêles eram proprietários; entre os brasileiros naturalizados, 45,54%; entre os estrangeiros, 35,50%; entre estrangeiros e brasileiros naturalizados, 37,59%. A posse da terra, que é aproveitada, afasta naturalmente a possibilidade das migrações internas por pressão econômica. E os índices de propriedade agrícola são particularmente elevados em Santa Catarina.

A partilha da propriedade rural pode ser apreciada na tabela seguinte (recenseamento de 1940: estabelecimentos agrícolas):

CLASSES DE ÁREAS (ha)	DADOS NUMÉRICOS			
	Estabelecimentos		Área	
	Número	%	Hectares	%
0 a 50.....	70 743	80,01	1 321 096	27,17
Mais de 50 a 200.....	14 237	16,10	1 223 899	25,17
Mais de 200 a 1 000.....	2 915	3,30	1 135 415	23,35
Mais de 1 000 a 5 000.....	487	0,55	913 138	18,78
Mais de 5 000 a 100 000.....	31	0,04	268 748	5,53
TOTAL¹	88 413	100,00	4 862 296	100,00

¹ De área declarada.

Reafirmam-se, assim, conceitos anteriormente expedidos: 96,11% dos estabelecimentos têm área de 0 a 200 hectares. Grandes propriedades há, apenas, 0,04% do total: e estas se localizam na zona da pecuária.

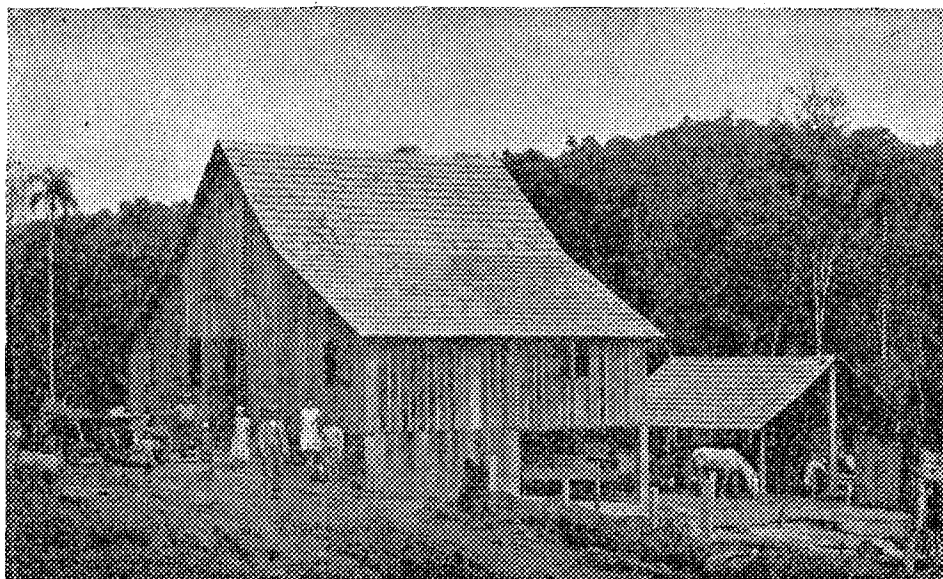


Fig. 2 — Casa típica em zona de colonização recente de alemães. Situada no distrito de Taio (município de Rio do Sul), é, a um tempo, residência, casa comercial, posto de desmatação de leite e salão de baile.

O bem-estar econômico do colono reside, fundamentalmente, na pequena propriedade, auto-suficiente, e muito deve ao trabalho livre. A família, nas colônias, não é, apenas, célula social, mas unidade econômica. Daí, em princípio, o elevado número de filhos. Da infância à velhice, todos trabalham, e nas tarefas de maior exigência de braços, recorre-se à cooperação doutros colonos.

O trabalho livre constituía, aliás, preceito legal. A lei n.º 304, de 30 de novembro de 1854, determinando o modo por que se havia de fazer a colonização na então província do Rio Grande do Sul, dizia, em seu artigo 8.º, que “os colonos poderão cultivar suas terras por si mesmos, ou por meio de pessoas assalariadas; não poderão, porém, fazê-lo por meio de escravos seus, ou alheios, nem possuí-los nas terras das colônias, sob qualquer pretexto”.

A ausência de negros escravos nas colônias catarinenses produziu benéficos resultados. Em capítulo especial, estudar-se-á a posição do preto na sociedade barriga-verde.

Se, posteriormente à agricultura se enveredou pela indústria, fê-lo o alemão sem solução de continuidade: venceu, naturalmente com o concurso de forças ambientais, as fases, como no esquema de GIDE¹⁷, da indústria domiciliária, da doméstica, da manufatura, da fábrica. Subiu, sem açodamento, ritmicamente, os degraus clássicos da produção.

MANUEL DUARTE¹⁸ observou bem o fenômeno: “Notável é a circunstância de que estas fábricas se fundaram tôdas em recursos financeiros locais e começaram, na sua maioria, por pequenas manufaturas domésticas, desenvolvidas pouco a pouco.”

Anteriormente, em 1884, quando de sua “Fala” à Assembléia Legislativa Provincial, o presidente FRANCISCO LUÍS DA GAMA ROSA evidenciava a faculdade industrialista do germânico, dizendo: “A população ativa e empreendedora das ex-colônias é a província devedora dos primeiros núcleos de indústria, representados nas numerosas fábricas aí existentes, providas de maquinismos aperfeiçoados, movidas a vapor e destinadas à confecção de numerosos produtos. Devo certamente acreditar que, pela solicitação do exemplo e estímulo do interesse, daí partirá o ensinamento para outros pontos, iniciando-se gradualmente, entre nós, o tirocínio industrial, o solene e prodigioso fator da civilização moderna. A grande e superior raça germânica, que possui a irresistível força de tenacidade, soube criar, nos nossos desertos, centros de poderio, civilização e riqueza, hoje votados a um engrandecimento seguro, progressivo e indefinido.”

Na atualidade, o número de fábricas existentes no Estado tem sua localização, em alta dose percentual (cêrca de 60%) nos municípios originários de colônias alemãs. E é interessante que as indústrias não se concentram em cidades, mas se difundem na zona rural.

¹⁷ *Economia política.*

¹⁸ *Os alemães em Santa Catarina.*

Delineou-se acima o tipo-padrão do colono germânico, que veio para ficar, sem idéia de, quando enriquecido, volver à Alemanha. Excluem-se do todo contornado, por traços que o deformariam, os imigrantes andejes, solteiros, pós-guerra, que fogem à terra para se agregarem às fábricas, como técnicos ou operários especializados, ou com intentos políticos.

Italianos — Ainda a mesma falha, apontada acima, quanto à origem dos alemães, é observada em relação à dos italianos. O registo oficial de imigração consigna apenas “italianos”, nos seus livros. E isso, burocraticamente, sêcamente, desconcertantemente. Como se iguais fôssem, sem discrepâncias mínimas, na somatologia, na psicologia, na fisiologia, o piemontês e o calabrês...

A colonização italiana teve início, no Estado, com sardos, “de constituição robusta, alegres, corajosos, exaltados em suas paixões”. Di-lo LUCAS BORTEUX¹⁹, apoiando-se, na apreciação psicológica, em MALTEBRUN.²⁰

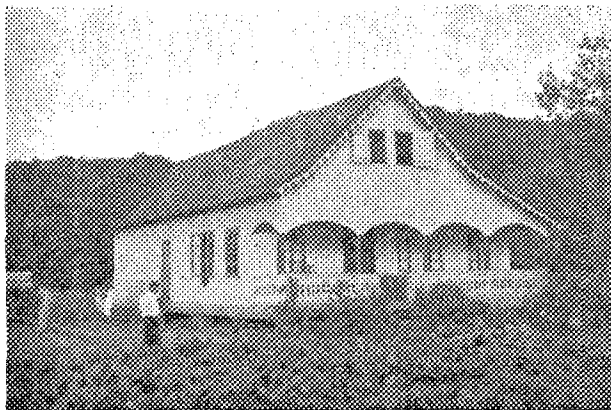


Fig. 3 — Casa de lavrador alemão, em Luís Alves (município de Itajaí). Ao lado, a horta, onde predomina o repolho.

O afluxo imigrantista posterior trouxe italianos de tôdas as origens: meridionais, centrais e setentrionais. Tanto vieram os da Basilicata e Calábria, e Úmbria, e Apúlia, e Toscana, como os da Lombárdia, e do Veneto, e da Emília, e do Piemonte, e da Ligúria, como ainda do Tirol, etc.

Difícilimo se torna, hoje, reconstituir o contingente numérico, aportado ao Estado, desde o início, de cada origem. E, sem êsse elemento ponderado, surge a impossibilidade de estudar-se, sob o dúplice aspecto sócio-econômico, o italiano que se radicou em Santa Catarina. O comportamento sócio-econômico do alienígena nada mais é do que função de duas variáveis: o homem e o meio.

Por pesquisas dificulosamente processadas, pode-se afirmar que, no Estado, a soma dos italianos centrais e setentrionais suplanta a dos

¹⁹ Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina.

²⁰ *Précis de géographie universelle.*

meridionais, verificando-se, justamente, o inverso do que ocorre em São Paulo, segundo ALFREDO ELLIS.²¹ Consoante ainda êsse mesmo autor, os italianos do sul, ali, “são excelentes agricultores, ligando-se com facilidade aos nacionais, dos quais assimilaram os costumes”. E os do norte, “industriosos, ambiciosos, trouxeram o espírito urbanístico da Lombárdia, e do Veneto, estabelecendo-se, de preferência, nas cidades”. Em Santa Catarina, vê-lo-emos abaixo, fenômeno diverso ocorreu.

O italiano do norte, sabido é, alia às suas qualidades de trabalho as faculdades de inteligência, ao passo que o do sul é mais indolente, caracterizando-se, ainda, por funda superstição. O do norte tende para a agricultura, sendo centrípeto o do sul.

Entre nós dominaram, quantitativa e qualitativamente, os do norte. Nova Trento se colonizou com gente do Tirol e da Lombárdia. Rodeio e Acurra, com italianos de Mântua, Cremona, Beluno, Treviso e Verona. O vale do Tubarão, mais complexo, miscigenado, mostra, através da denominação de várias localidades, a influência do italiano setentrional: Nova Treviso, Nova Beluno, Nova Veneza...

Citemos, a fim de corroborar a nossa opinião, DOMENICO BARTOLOTTI²²: “Eccettuato il primo nucleo isolato, entrato nello Stato nel 1837, (em março de 1836, retificamos), la nostra immigrazione incominciò nel 1875, arrivando in um quinquennio circa cinque milla veneti e lombardi”.

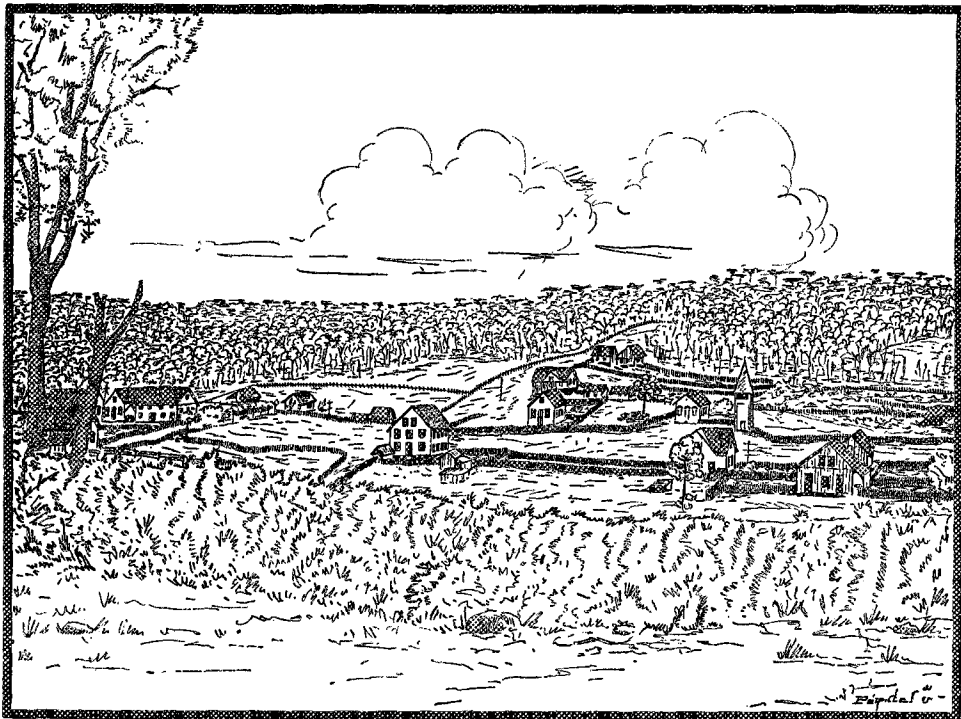


Fig. 4 — O italiano no planalto : Xaxim, no município de Xaçapé.

²¹ Populações paulistas.

²² *Il Brasile meridionale*.

FILIPPO VIRGILI²³, ocupando-se do fenômeno migratório na Itália, expende as considerações abaixo, que vêm, de maneira indireta mas clara, solidificar a assertiva, quanto à preponderância do elemento setentrional: “È pure interessante conoscere in quale proporzioni le diverse regioni d'Italia contribuiscono a formare la massa migratoria. Dal 1876 al 1886 il primato fu tenuto dal Veneto, dal Piemonte e dalla Lombardia: queste tre regioni dell'alta Italia fornivano da sole il 64,4 per cento dell'intera emigrazione. Dal 1887 al 1890 il Veneto è sempre al primo posto, con una quota anche più intensa, ma il Piemonte e la Lombardia sono vinte dalla Campania, che viene ad occupare il secondo posto, a pochissima distanza del Piemonte. Dal 1901 al 1914 il Veneto persiste nel primo posto, ma la sua quota, che aveva superato il 36 per cento della massa migratoria, discende al 17; si viene ad assidere al secondo posto Sicilia con 12,6 per cento, e il terzo lo conserva la Campania con 1,11 per cento; il Piemonte e la Lombardia vengono subito dopo; incontriamo a breve distanza gli Abruzzi, il Molise e le Calabrie, seguono poi l'Emilia e la Toscana, le Puglie e le Marche, la Basilicata e il Lazio. Dopo la guerra, il Veneto, che si è allargato nella Venezia Tridentina e nella Venezia Giulia, ritorna a prendere il primo posto, che aveva perduto durante la guerra: il Piemonte lo segue a distanza, tenendosi prossime la Sicilia e la Lombardia; vengono poi la Campania e le Calabrie.”

Em condições análogas de colonização, viram-se alemães e italianos. A agricultura, antes de tudo. Mas a agricultura baseada na pequena propriedade (vendida esta, a prazo, ao colono) e no trabalho livre. O colono a cultivar a terra, em benefício próprio e dos seus. BARTOLOTTI, há uma vintena de anos, mais ou menos, disse com entusiasmo: “Della nostra gente il settantacinque per cento è rappresentato da proprietari agricoli, ed il resto da commercianti ed industriali in floride condizioni economiche. *Nessun colono italiano è salariato* (gritando com orgulho), poichè il più povero possiede almeno un lotto di terreno di trenta ettari.”

O italiano, em geral, cultivou as espécies naturais, introduzindo a viticultura e a sericicultura. HENRIQUE CARLOS BOITEUX²⁴ diz: “Podemos adiantar que a vinha teve, entre nós, a sua cultura iniciada em o ano de 1878, com bacelos trazidos pelos colonos, de Val-Logarina, Itália.” E, adiante: “Ao chegar a Nova Trento, vim a saber que alguns colonos, lombardos e tirolezes, e suas mulheres, se haviam dedicado à criação do bicho da sêda, e que haviam trazido casulos (*galette*, como chamavam) e ovos da preciosa e utilíssima lagarta.”

A viticultura desenvolveu-se grandemente entre os italianos de Uruganga e de Perdizes, hoje Videira. Vinhos excelentes aí se produ-

²³ *Statistica.*

²⁴ *Nova Trento.*

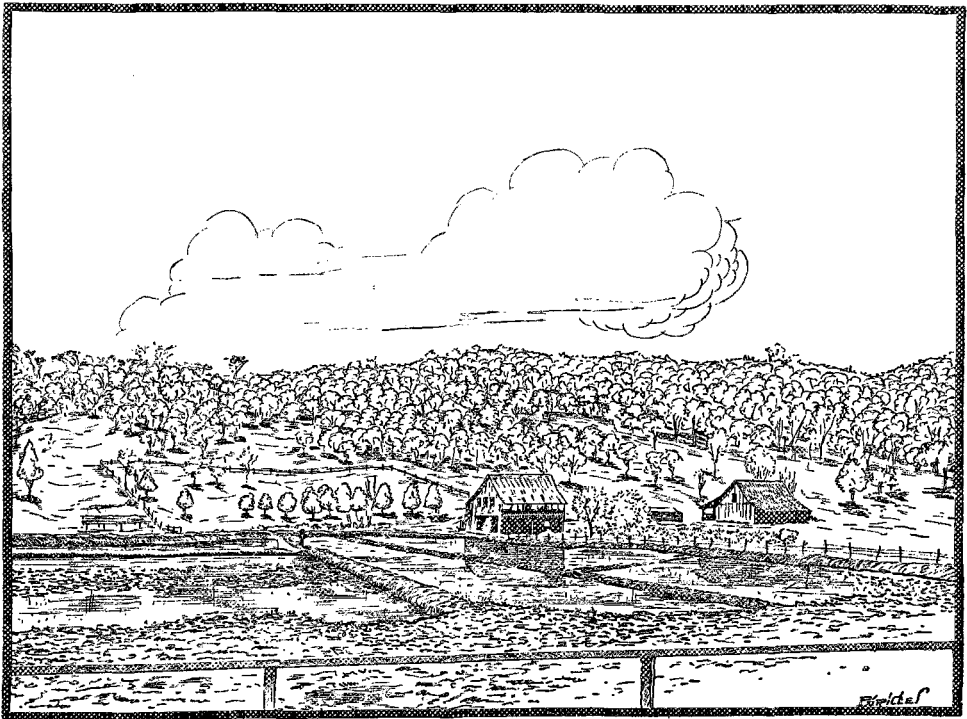


Fig. 5 — Casas e arrozeiras de agricultores descendentes de italianos (município de Rodeio).

zem, comparados aos melhores do Exterior. A propósito da vinha, há esclarecer que, de fato, sua introdução e cultura e aproveitamento se devem ao italiano do Pó. JACINTO DE MATOS²⁵ afirmou, arrazoadamente, ao falar de Azambuja e Uruçanga, nos primeiros tempos da colonização: “A agricultura prosperava, cultivando os colonos tôdas as plantas próprias à zona e dedicando já bastante atenção à cultura da vinha, cujas mudas êles vinham trazendo da Europa.”

O desembargador VIEIRA FERREIRA²⁶ pretende contraditar J. DE MATOS, dizendo: “A única vinha que tive ocasião de ver em Azambuja, foi a de um colono de Pedras Grandes, mas de uva preta nacional, com que êle fabricava um vinho labrusco aspérrimo.”

Não há dúvida, porém, de que, como em Nova Trento, foram em Uruçanga introdutores da viticultura os italianos.

A sericicultura, cujo futuro era, como o é, acentuadamente promissor, feneceu pouco depois. Em 1886, existiam, só em Nova Trento, segundo ainda HENRIQUE CARLOS BOITEUX, 4 000 amoreiras.

Em sua “Fala”, de 1887, o presidente ROCHA, da Província frisava: “A sericicultura já ocupava em Nova Trento muitas famílias como serviço

²⁵ *Op. cit.*

²⁶ *Azambuja e Uruçanga.*

doméstico e apresenta intermináveis fios de diversas côres naturais, primando a branca, a cinzento clara e carregada e a amarela côr de ouro, apresentando os casulos as mesmas côres e ainda a rósea. É em Nova Trento, um dos núcleos coloniais de grande futuro, que a criação do bicho da sêda tem tomado certo incremento.

Os italianos estimularam, ainda, diversas culturas agrícolas, especialmente feijão, arroz, milho e fumo, além da banha e da salsicharia. Tornaram-se quase todos, como os alemães, pequenos proprietários rurais, enquanto alguns (especialmente os de Basilicata e dos Abruzzos) se converteram em artífices ou comerciantes.

O espírito agrário do italiano se fortaleceu tanto quanto o do alemão, mas, em compensação, o germânico teve mais dilatado e mais extenso vetor industrial.

Diversos — Poloneses, russos brancos e austríacos, além de outros estrangeiros em menor expressão numérica, e todos com coeficientes muito menores que os dos alemães e italianos, esparzem-se pelo Estado: os três primeiros, em regra geral, dedicados à agricultura, enquanto sírios, turcos, gregos, etc. não se desurbanizam: circundando os portos e caminhando com a ferrovia que os leva ou os pode levar a outros Estados, fogem à vida rural.

Do grupo de imigrantes acima referido, o polonês é o que oferece maior contingente numérico.

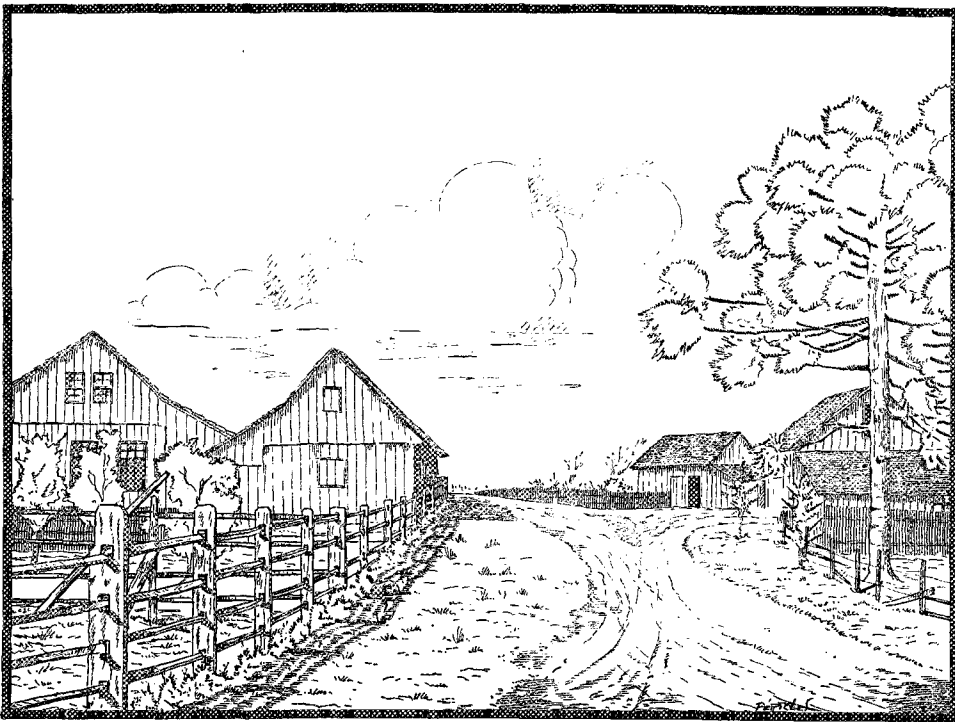


Fig. 6 — Casas de colonos russos (ucranianos), em Bonsucesso (município de Itaiópolis).

A observação longa em torno da colonização polonesa nos autoriza a formular diversas ponderações e a desaconselhá-la. Econômicamente, o polonês encontra-se em bem acentuado grau de atraso: conhece e pratica a agricultura em bases empíricas, exatamente como há séculos o fizeram seus avoengos. Social e culturalmente, o atraso ainda é mais visível, notado logo nas condições pouco higiênicas da habitação, no descaso ao livro, no espírito turbulento.

PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS

A contribuição negra à formação demográfica de Santa Catarina foi mínima. Na época do povoamento do litoral, em verdade, vicentistas e açorianos — e notadamente os últimos, aos quais o trabalho braçal constituía sintoma de degradação social — contaram com o concurso do braço prêto, quer na agricultura da costa, processada em pequena escala, quer na pesca da baleia. Mais tarde, na pecuária planaltina, o negro prestou a sua colaboração. Sempre, todavia, em qualquer época e em qualquer região fisiográfica, o contingente africano, ou de ascendência africana, foi sobremaneira reduzido.

Quando se iniciou a colonização, nos vales dos grandes rios, especialmente o Itajaí, o elemento africano talvez se infiltrasse, mas o imigrante alemão afastou, sumariamente, a possibilidade da cooperação negra. O doutor BLUMENAU chegou a proibir, terminantemente, a entrada de negros nas colônias no vale citado.

O negro ficou, dessarte, circunscrito a pontos esparsos do litoral e à região serrana do norte.

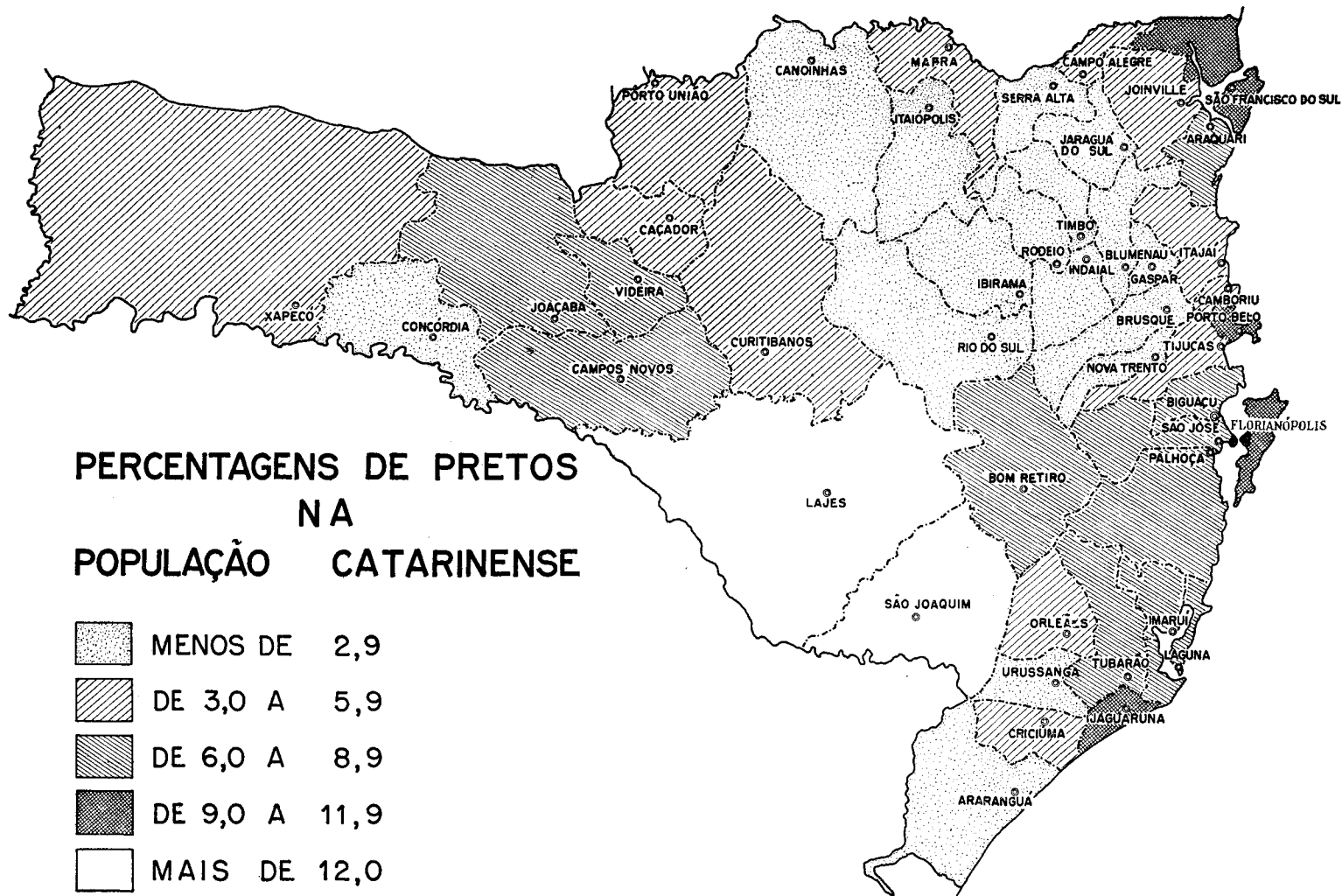
O coeficiente prêto, aliás, é pequeno no sul do país, relativamente às outras zonas fisiográficas, segundo revela o censo de 1940:

Norte	9,06%
Nordeste	19,41%
Este	18,71%
Sul	6,72%
Oeste	14,03%

De outra parte, a miscigenação no sul também é fraca, conforme se vê pelos coeficientes de mulatos, de acôrdo com a mesma fonte e o mesmo ano:

Norte	49,59%
Nordeste	28,79%
Este	27,52%
Sul	4,54%
Oeste	20,81%

A proporção percentual dos brancos na população, consoante os três recenseamentos gerais de 1872, 1890 e 1940, nas diversas unidades federadas, é dada pela tabela seguinte:



UNIDADES FEDERADAS	PERCENTAGEM DE BRANCOS		
	1872	1890	1940
Santa Catarina.....	78,81	84,78	94,44
Rio Grande do Sul.....	59,42	70,16	88,65
Paraná.....	55,00	63,80	86,56
São Paulo.....	51,76	63,07	84,92
Goiás.....	26,14	33,54	72,11
Distrito Federal.....	55,20	62,72	71,10
Espírito Santo.....	32,36	42,14	61,98
Minas Gerais.....	40,74	40,60	61,36
Rio de Janeiro.....	38,75	42,95	59,84
Alagoas.....	25,52	31,08	56,70
Pernambuco.....	34,60	41,15	54,45
Território do Acre.....	—	...	54,29
Paraíba.....	38,47	46,90	53,76
Ceará.....	37,25	44,51	52,65
Mato Grosso.....	28,53	29,83	50,83
Maranhão.....	28,33	31,63	46,81
Sergipe.....	28,24	29,72	46,69
Piauí.....	21,47	28,33	45,23
Pará.....	33,66	39,22	44,57
Rio Grande do Norte.....	43,79	44,12	43,48
Amazonas.....	19,46	26,32	30,96
Bahia.....	24,03	25,59	28,75

Negro e colono, notadamente alemão, constituem, em Santa Catarina, elementos que se repelem. A famosa "color line" norte-americana é fenômeno que se manifesta nas colônias tudescas, embora sem linchamentos... Onde se encontra o alemão, cioso do seu sangue e visceralmente racista, o negro não toma lugar ao sol.

A percentagem de negros na população municipal (censo de 1940) é bastante expressiva:

MUNICÍPIOS ¹	% de negros	MUNICÍPIOS ¹	% de negros
Indaial.....	0,70	Tijucas.....	3,82
Rodeio.....	0,99	Xaçapé.....	4,14
Timbó.....	1,04	Itajaí.....	4,36
Nova Trento.....	1,05	Orleães.....	5,36
Brusque.....	1,09	Camboriú.....	5,74
Serra Alta.....	1,44	Cresciúma.....	5,76
Concórdia.....	1,45	Palhoça.....	6,06
Blumenau.....	1,47	Campos Novos.....	6,13
Ibirama.....	1,52	Imaruí.....	6,59
Jaraguá do Sul.....	1,87	Joaçaba.....	6,64
Itaiópolis.....	2,35	Biguaçu.....	6,71
Gaspar.....	2,64	Araquari.....	6,74
Canoinhas.....	2,79	Tubarão.....	6,84
Araranguá.....	2,83	Laguna.....	7,11
Urucanga.....	2,85	São José.....	7,37
Rio do Sul.....	2,96	Bom Retiro.....	8,05
Mafrá.....	3,07	São Francisco do Sul.....	9,11
Campo Alegre.....	3,26	Florianópolis.....	9,57
Joinville.....	3,47	Pôrto Belo.....	10,47
Curitibanos.....	3,52	Jaguaruna.....	11,12
Pôrto União.....	3,77	Lajes.....	13,29
Caçador.....	3,80	São Joaquim.....	18,35

¹ Com a denominação atual.

Quanto mais intensa, num município, a população de origem estrangeira, tanto menor é a taxa de pretos: aí estão, como exemplo eloqüente, os dez primeiros municípios da tabela anterior.

A população negra vem decrescendo no Estado, relativamente: de 1872 a 1940, aumentou de 327%, enquanto o incremento da branca atingiu 784%. Calculando a taxa média geométrica, anual, de incremento, nos diversos grupos de côr catarinenses, **GIORGIO MORTARA**, em suas admiráveis análises do censo de 1940, fixou em 32,52% a da população branca e em 21,56% a da população preta. Partindo da premissa, tècnicaamente aceitável, de que a relação entre o número de crianças de 0 a 9 anos e o número de mulheres de 20 a 49 anos representa índice útil de fecundidade, o mesmo analista chegou a verificar a existência de 192 crianças entre as mulheres brancas e apenas 169 crianças entre as mulheres pretas.

O cotejo da distribuição percentual da população catarinense, segundo a côr e por grandes grupos de idades, corrobora opiniões anteriormente expostas:

IDADES (anos completos)	PERCENTAGENS	
	População branca	População negra
0 a 19.....	94,62	5,06
20 a 39.....	94,47	5,14
40 a 59.....	94,04	5,57
60 a 79.....	93,36	6,25
80 e mais.....	87,39	12,26
TOTAL.....	94,44	5,21

Enquanto a população branca apresenta forte potencial de renovação, a negra oferece composição de desgaste, face à prevalência das idades adultas. Quanto à capacidade de renovação, aliás, que pode ser medida através da massa de 0 a 9 anos de idade, preliminarmente, Santa Catarina se coloca em posição ímpar no Brasil: 32,9%. As taxas específicas dos cinco países americanos em melhores condições são inferiores à catarinense:

Guatemala	30,5
Peru	30,4
Colômbia	29,7
Brasil	29,6
México	29,0

Inferiores são, também, as taxas de países europeus e asiáticos havidos como privilegiados nesse aspecto.

Índia (1931)	28,3
Iugoslávia (1931)	26,7
Rumânia (1930)	26,4
União Soviética (1939)	25,9
Japão (1935)	25,8

O negro, em Santa Catarina, não adquiriu emancipação econômica, ora vivendo como agregado em fazendas de criação, ora servindo ao tra-

balho braçal, nas cidades. Culturalmente, da mesma sorte, é fator nulo: CRUZ E SOUSA é exceção excepcionalmente excepcional.

Interessante, entretanto, é a influência do negro na sociedade tipicamente açoriana: no conflito de ambas as culturas, predomina a do negro. Mas o oposto ocorre em relação à cultura alemã, que absorve totalmente a do místico negro bântu.

ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA COLONIZAÇÃO

A colonização ocasionou benefícios indiscutíveis ao Estado, não somente econômicos, mas, ainda, étnicos, sociais e culturais.

Aos estrangeiros, em geral, que se radicaram em Santa Catarina, deve-se-lhes a solidificação, a cimento, do arcabouço econômico regional. Bem interessante e bem verdadeira é a afirmativa de ALBERTO TÓRRES²⁷, quando diz: "É ilusão supor-se que os Estados têm prosperado e progredido graças ao regime federativo. Propriedade relativamente estável não a têm senão os dois Estados do extremo-sul: o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e, mais duvidosamente, o Paraná, porque são regiões de clima e natureza semelhantes às regiões que habitavam, na Europa, os nossos colonizadores, aptas à sua aclimação, próprias à cultura de quase todos os gêneros de primeira necessidade e por eles usados e onde se estabeleceram, desde logo, com plena adaptação ao meio físico."

Até o advento da colonização intensiva, o organismo econômico catarinense era sem expressão positiva ou definida, desnutrido, atrofiado, alimentado parcamente por diminuta e rotineira agricultura. Ainda em 1850 era assim: "A agricultura, que pouco mais se estende da plantação da mandioca, milho, cana, feijão e arroz, pouco aumento tem tido, já pela falta de braços e já porque os nossos agricultores, aferrados ao que viram praticar os seus antepassados, não procuram, apartando-se da antiga rotina, bem amanhar o terreno, melhorar de sementes e ensalar o cultivo de novas plantas, nem buscam por máquinas suprir a força dos braços humanos, tanto que se apresentando um engenho de torrar farinha, não têm eles tratado de adquirir iguais: e êsse mesmo não consta que tenha trabalhado além dos dias de experiência."²⁸

Os remanescentes açorianos e vicentistas ficaram enraizados, indolentes, ao longo da orla atlântica, tementes à serra, que lhes "não dava profundidade", e aos silvícolas. Viviam vida de recolhimento, trabalhando apenas para a obtenção do alimento. De outro lado, além-serra, a pecuária se não desenvolvera compativelmente, capaz de ser ponderada: rotineiros, também, os criadores objetivavam a quantidade, considerando despicienda a qualidade. Aliás, somente a partir de época recente há, na região serrana, preocupações de seleção zootécnica.

A medida que a selva se foi clareando, com o estabelecimento de nódulos populacionais de gente estranha, a economia catarinense foi-se tonificando, baseada já na policultura: "A mandioca medrou ao lado

²⁷ *A organização nacional.*

²⁸ *Fala à Assembléia, do Presidente João José COUTINHO.*

do trigo, como o algodão vicejou paralelamente ao linho. O solo, ubertoso, acolheu, vivificando-as, as sementes que nasceram além-mar.”²⁹

Surgiu posteriormente a indústria, polimorfa, que se ampliou consideravelmente, dando a Santa Catarina, na atualidade, um parque de proporções enormes, superado apenas, no Brasil, por poucos Estados.

Das antigas colônias alemãs e italianas emergiram os municípios mais ricos, como Blumenau, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Indaial, Uruçanga, Timbó, etc., e, ultimamente, os do vale do Rio do Peixe. De todos, porém, merece sobreposto Blumenau, que, como bem acentuou DELGADO DE CARVALHO, “... constitue dans l’Amérique du Sud, le type le plus parfait de la colonisation européenne; c’est la perle de Santa Catarina, étant aujourd’hui son municipe le plus riche”.³⁰

A vida futura de Santa Catarina há de depender grandemente desses municípios e, ainda, dos da zona oeste, que “... c’est la grande région d’avenir, où les terres noires et le basalte offrent aux cultures d’Europe les meilleures conditions naturelles”.³¹

Especificamente na agricultura, deve computar-se no crédito dos colonos alemães e italianos o estabelecimento e a expansão da policultura: espécies nativas e alienígenas. Ainda a seu favor se inclui a renovação de métodos de trabalho, com a introdução de maquinaria, da seleção de sementes, de cuidados racionais ao ciclo vegetativo da planta, não olvidada a adubação.

Segundo os resultados censitários de 1940, Santa Catarina ocupava pôsto de saliência no país, relativamente ao efetivo de instrumentos agrícolas. Embora boa a média com que o Estado se identificava no conjunto nacional, a realidade regional é, entretanto, muito mais favorecida, dado que os instrumentos se concentram nas regiões de colonização. E a média foi obtida pela divisão simples da área estadual pelo número de instrumentos, incluindo-se, assim, no dividendo, para rebaixamento do quociente, extensas superfícies inaproveitadas, ou dedicadas à pecuária, ou agrícolas mesmo, onde, no entanto, se não pratica a mecanização.

Na pecuária, não menor é o crédito dos colonos: dos italianos, no rebanho suíno; dos alemães, no vacum. A seleção de raças é processo usual nos lotes coloniais, cujos proprietários se associam para a aquisição de animais escolhidos, principalmente reprodutores de linhagem.

A indústria, por sua vez, é obra da colonização, que, para incrementá-la, foi buscar à Europa operários especializados e se valeu da monumental inflação alemã, posterior à primeira guerra, para transportar ao Estado grande cópia dos equipamentos industriais que vinham servindo à Alemanha.

No balanço dos fatores positivos e negativos da colonização, em Santa Catarina, e no campo da economia, nada há, ao menos ponderável, que registrar no tocante aos segundos. E se o Estado é dos raros

²⁹ Departamento de Estatística e Publicidade do Estado (Comunicado nº 19).

³⁰ *Le Brésil méridional*.

³¹ DELGADO DE CARVALHO, *idem*.

que, no Brasil, exhibe equilíbrio econômico, há de reconhecer, dentre os primaciais elementos da normalidade, o colono europeu.

Não menores, nem de menor profundidade, são os aspectos positivos no campo sócio-cultural. Procedentes dum ambiente de civilização mais apurada, os colonos introduziram em Santa Catarina um padrão de vida bastante superior à média das máximas nacionais. Já na habitação se observa a superioridade. Ainda que na intimidade da vida rural, a casa do colono, que sucede à transitiva construída na fase do desbravamento e da adaptação, tem o sentido do conforto, da higiene: ou é de alvenaria, ou mesmo de madeira, porém pintada e contando, em qualquer das duas alternativas, com as indispensáveis cortinas, a horta e o jardim. A alimentação é cuidada, caracterizando-se pela fartura e pela variedade. No vestuário, apesar de simples e de baixo preço, há ordem e asseio.

O colono não dispensa a leitura de livros, de revistas, de jornais, e uma das suas maiores preocupações é a instrução dos filhos. Nos municípios catarinenses originários de colônias alemãs e italianas, os índices de alfabetização são dos maiores no Brasil. Comparam-se, na tabela seguinte, êsses índices (população de 10 anos e mais) aos das unidades federadas, em 1940.

ESPECIFICAÇÃO	%	ESPECIFICAÇÃO	%
Blumenau.....	85,1	Rio de Janeiro.....	47,9
Jaraguá do Sul.....	84,3	Lajes.....	46,8
Rodeio.....	82,7	Laguna.....	46,4
Distrito Federal.....	81,8	Xaçepó.....	46,0
Joinville.....	79,4	Espírito Santo.....	45,8
Serra Alta.....	78,3	Pará.....	45,8
Ibirama.....	76,4	Mato Grosso.....	45,7
Indaial.....	75,7	Nova Trento.....	45,4
Timbó.....	75,3	Tijucas.....	44,5
Gaspar.....	68,3	Jaguaruna.....	43,7
Uruçanga.....	66,0	Palhoça.....	42,9
Brusque.....	65,6	Pôrto Belo.....	41,9
Rio do Sul.....	65,2	Amazonas.....	41,6
Florianópolis.....	64,9	Camború.....	40,2
Mafra.....	64,0	Biguaçu.....	40,1
Pôrto União.....	62,3	Acre.....	38,8
Campo Alegre.....	61,8	Curitibanos.....	38,5
Rio Grande do Sul.....	61,2	Minas Gerais.....	38,0
Caçador.....	59,9	Araquari.....	35,5
São Francisco do Sul.....	59,8	Araranguá.....	33,2
Itajaí.....	59,6	Imarúf.....	31,5
Concórdia.....	59,1	Rio Grande do Norte.....	30,4
Joaçaba.....	58,0	Sergipe.....	29,9
São Paulo.....	57,7	Ceará.....	29,8
Santa Catarina.....	56,2	Pernambuco.....	28,3
Itaiópolis.....	56,2	Bahia.....	27,0
São José.....	56,1	Goiás.....	26,4
Bom Retiro.....	51,4	Maranhão.....	23,9
Campos Novos.....	50,4	Paraíba.....	23,7
Orleães.....	49,7	Alagoas.....	22,0
Canoinhas.....	49,1	Piauí.....	22,0
Paraná.....	48,6		
São Joaquim.....	48,6		
Tubarão.....	48,4		

Três municípios de colonização, todos rurais, têm, como se vê, melhores coeficientes de alfabetização que a capital do país. E 13 outros municípios, ou seja cêrca de um têrço do total do Estado, oferecem coeficientes maiores que o Rio Grande do Sul, que é considerado, nesse aspecto, o melhor Estado do Brasil, depois da Capital Federal, essencialmente urbana.

O sentimento artístico é bastante forte no alemão e no italiano. A necessidade da arte impele o colono à organização de sociedades de cultura musical, comuns na zona colonizada, e responsáveis por orquestras sinfônicas, como as de Blumenau e Joinville, que podem figurar entre as melhores do sul do Brasil. A música faz parte da razão de viver do alemão e do italiano.

* * *

Se, de uma parte, os alienígenas imprimiram cunho de consistência ao organismo econômico regional e trouxeram para o Estado admirável contribuição cultural, mostraram-se, de outra, refratários à planificação social, à assimilação, à “transformação, à mudança do heterogêneo para o homogêneo, do desigual para o igual”, segundo o conceito de FAIRCHILD³². Segregaram-se, fugindo aos nacionais, e realizando o vaticínio que, já em 1820, fizera SAINT HILAIRE³³, a formação de Estados dentro do próprio Estado.

A inexistência de elementos bioestatísticos minuciosos impossibilita ao estudioso a realização da tarefa de, numéricamente, calcular, a jeito de BLOOM WESSEL, seguido por OLIVEIRA VIANA³⁴, os coeficientes de homogeneidade e de fusão e o índice de fusibilidade de cada etnia. No terreno da antropologia social, tudo são trevas em Santa Catarina. Sòmente agora, a geração pós-guerra, a “geração da experimentação”, no dizer de WILL DURANT³⁵, está a experimentar o terreno das pesquisas, das observações de campo, em substituição à teorização literária dos gabinetes fechados.

A fim de tratar da questão da inassimilação dos alemães, italianos, russos, poloneses e austríacos, há que recorrer a caminhos em parte já pisados e, ao mesmo tempo, concluir sôbre observações amadurecidas e vistas de todos os lados, à maneira de GOETHE.

A inassimilação evidenciada não foi, no Estado, consequência exclusiva da impermeabilidade do ambiente, nem, tampouco, corolário imediato da refratariedade inata à amalgamação dessa ou daquela etnia. Houve, é verdade, interação de ambos os fenômenos.

³² *The Melting-pot mistake.*

³³ *Viagem à Província de Santa Catarina*, trad. de CARLOS DA COSTA PEREIRA.

³⁴ *Raça e assimilação.*

³⁵ *Filosofia da vida.*

O alemão (e como alemão há entender-se, repetimos, em generalização forçada, à falta de elementos, o do norte e o do sul) resistiu à assimilação, com pertinácia. Tenta-se, a seguir, expor as razões dessa atitude.

Os colonos alemães se viram, à chegada, encaminhados para zonas distantes, interiores, de difícil acesso. Agrupados, muita vez, segundo a origem e a religião, permaneceram a cavaleiro de qualquer contacto com as gentes do Brasil, que ficavam no litoral, e mesmo porque destas não careciam, dado que traziam da terra, conjuntamente, o médico, o farmacêutico, o engenheiro, o sapateiro, o padeiro, etc., reproduzindo, em contemporização inteligente, aquelas "bandeiras de colonização" de que nos fala ASSIS MOURA.

BARTOLOTTI³⁶, cotejando as duas colonizações, a tudesca e a italiana, confessa sem pêjo: "Braccia possenti e incolte intelligenze erano le caratteristiche della nostra (italiana) immigrazione d'allora; mentre quella tudesca veniva accompagnata da medici, ingegneri, sacerdoti ed appoggiata di capitalisti..."

Os nacionais, há de dizer-se passageiramente, não nutriam pelos estrangeiros a mínima parcela de simpatia, aumentando, dessarte, o isolamento cultural dos colonos, já segregados economicamente. Os produtos das colônias, à falta de estradas, que teriam a virtude de promover o entrelaçamento, vinham aos postos de consumo, ou de exportação, pelo rio, ou amarrados ao lombo muar, vencendo quilômetros e quilômetros de atalhos, abertos na mata a facão e foice.

A religião e origem comuns irmanaram fortemente, mais ainda, os estranhos, em meio às clareiras da selva, obrigando-os a transplantar para terras exóticas, se não materialmente por impossibilidade, pelo menos espiritualmente, o torrão natal, através das respectivas usanças e tradições. Unidos para a defesa do que lhes era comum, do que lhes dulcificava as agruras da saudade, teriam de resistir a qualquer tentativa que visasse à fragmentação, o que redundaria em planificação.

A segregação, que foi o grande mal, fortaleceu o ânimo do ádvena, obstando à assimilação. TAVARES BASTOS³⁷, sentimentalista, entoava loas ao mal...: "Não concluiremos sem aplaudir a deliberação recente pela qual o Sr. Ministro das Obras Públicas mandou reunir em um só núcleo, perto de Itajaí, em Santa Catarina, grande número de imigrantes norte-americanos(!) recém-chegados; porquanto, como diz um escritor, é da maior vantagem para os colonos reunirem-se por nacionalidade, para triunfarem da nostalgia e mutuamente se ajudarem..."

Mais tarde, a custo e paulatinamente se estabeleceu o contacto entre os brasileiros e alemães, promanado do intercâmbio comercial. Para

³⁶ *Op. cit.*

³⁷ *Os males do presente e as esperanças do futuro.*

entender e ser entendido, o alemão se viu na contingência de compreender o idioma nacional. Resultaram, então, hibridismos interessantes, construções esdrúxulas, muitas anotadas por NORBERTO BACHMANN ³⁸:

- 5 tostón fum
- 3 kistchen fórfor
- 1 garrafón kátscháss
- 1 latte kerosen
- 2 par chinellen
- 1 par tamanken für die Rosse
- 3 meter brin für meine komadre Dona Chika
- 3 flaschen gazoze
- 10 vintin dösse für mein Sohn João ein guten Fak

O processo assimilatório não passaria, porém, dessa primeira fase. O alemão continuou a opor-se à amalgamação, à combinação, no sentido químico, admitindo somente branda mistura. Característica significativa dessa disposição psicológica, de oposição, residiu nas sociedades de tiro, de danças, de cantos, econômicas, etc., freqüentes na zona de colonização tudesca.

O Sr. MANUEL DUARTE ³⁹ diz que essas sociedades tinham, puramente, "espírito comercial". Equivocou-se o ex-governante do Estado do Rio: constituíam elas centros de refúgio, de reunião, de evocação da terra, dos alemães, tornando-se, em consequência, sólidas bastilhas em defesa da inassimilação. O tudesco revelou sempre, aliás, forte tendência à agregação, à união, à socialização; jamais agiu individualmente. Serviu, nesse particular, de espelho ao italiano, que o imitou, fundando cooperativas.

O padre JACOMO VICENZI ⁴⁰ observou, claramente, o caráter societário do alemão: "A cidade de Blumenau é o centro comercial de todo o extenso município. Aí, todo o comércio está em mão de alemães. Os alemães, pelo que tenho podido notar, têm uma qualidade que lhes é característica: a grande união entre si. Dessa forma, era facilímo e até inevitável que os principais homens de negócio fizessem entre si uma liga formidável, contra a qual fôsse inútil qualquer tentativa de reação. Assim, em qualquer casa de negócio em que o pobre colono, o lavrador, ou o criador de gado se apresentasse, os preços eram iguais: de seus gêneros recebiam a paga mínima, enquanto tudo que compravam era de preços exorbitantes. Até hoje, todo e qualquer empreendimento generoso de negociantes brasileiros e italianos para aliviar aquelas populações dessas imposições de monopólio, tem sido sempre gorado."

O germano demonstrou resistência à assimilação também na escola. Alfabetizado, inteligente (realizando quotas para a assinatura de jornais e revistas e aquisição de livros da Alemanha), procurou, entre os seus, o professor dos filhos. Se aí o não encontrava, mandava buscá-lo à terra de origem: o custo respectivo era satisfeito mercê da contribuição coletiva, quando não fôsse pago pelo próprio govêrno de sua pátria de origem.

³⁸ *Da influência recíproca das línguas portuguesa e alemã.*

³⁹ *Op. cit.*

⁴⁰ *Uma viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902.*

VICENZI^{40-A} depõe a êsse respeito: “Apertados aquêles camponeses, pela boa vontade, pela escassez de recursos, têm recorrido a diferentes meios para garantir a estabilidade de suas escolas. Conseguiram, afinal, que as nações de origem lhes garantisse alguma subvenção. Os alemães recorreram à Alemanha, e os de língua italiana, à Itália. Atualmente, tanto em Blumenau como em outras colônias ou municípios de Santa Catarina, e creio que de outros Estados do Sul, muitas escolas são auxiliadas, eficazmente, por aquelas duas nações. A cláusula única que êsses países lhes impõem é que na escola se ensine a língua da mãe-pátria. Para quem encarar com imparcialidade êsses fatos, não há dúvida que esta exigência é mais do que justa. A Alemanha e a Itália sabem muito bem que o ensino de suas línguas lhes aumenta imensamente a influência no Brasil.”

Sob todos os pontos de vista respeitável, patriarcal, o professor, cuja autoridade ia ao lar, rivalizando com a do pastor ou a do sacerdote, modelava, a seu talante, na plasticidade infantil do brasileiro de oito e nove anos, o espírito germânico. “A idade infantil — como bem doutrina o professor J. MELO TEIXEIRA — é um período, por excelência, de criação, de plástica, de histogênese.”⁴¹

Da intensidade do poderio do professor, da extensão de sua atividade, da magnitude da sua obra, dizem bem muitos brasileiros espiritualmente aprussianados, que amam a Alemanha acima de tudo na vida.

NORBERTO BACHMANN, ocupando-se dos fenômenos pertinentes à assimilação dos alemães, declara, em tese: “A absorção se faz rápida, quando êle (alemão) se constitui elemento isolado, em um meio nacional. Faz-se lentamente, mas seguramente se faz, quando êle se encontra em companhia estável de gente sua. A geração vinda resiste, escudada na fortaleza da educação doméstica; a seguinte, a primeira geração brasileira, vacila, pendendo, não raro, para extremos de intolerância doentia, ou para o lado dos antepassados ou, opostamente, para o nativismo.”⁴²

Os brasileiros que se germanizaram, que se volveram para êsse “extremo de intolerância doentia”, refletem bem a influência do *magister*.

Quanto à escola nacional (se é que a havia), o tudesco a rejeitou. Já porque os seus filhos estivessem a freqüentar as aulas do mestre alemão, já porque a professôra brasileira (geralmente moçoila mal saída dos bancos escolares, sem experiência, desprovida de noções sôbre a vida rural, e quase da idade dos alunos) lhe não inspirava confiança. A escola alemã era, ademais, bem instalada, confortável, construída adequadamente pelos colonos, “risonha e franca”. A nacional, situada em prédio desapropriado, sem conforto nem pedagogia. O professor alemão, a estimar a terra, a dar-lhe também o seu suor, a cultivá-la, a ruralizar-se. A professôra nacional, a suspirar pelo retôrno à cidade,

^{40-A} *Op. cit.*

⁴¹ *Aspectos fundamentais da educação.*

⁴² *Op. cit.*

a odiar o mato, a desconhecer a terra e seus problemas. Na escola secundária que cursou, aliás, não lhe ministraram ensinamento algum de ruralismo...

E, somado, tudo isto a influir. As cousas infinitamente grandes são a resultante da adição de infinitamente pequenas: assim no-lo explicam as integrais do cálculo.

Outro fator de grande vulto na obra de inassimilação do tudesco foi, sem dúvida, o mentor religioso, pastor protestante ou padre católico romano. A influência do sacerdote sobre uma coletividade é eficaz, imponderável, tremenda, e SPENCER a definiu bem.⁴³

Como se não quisesse deixar sem assistência religiosa as colônias alemãs, buscavam-se pastôres e padres na Alemanha, como, ainda, Irmãs de Caridade, preferindo-os aos nacionais.

Um sacerdote católico, padre JACOMO VICENZI, é quem no-lo diz, em sua obra já aqui citada: "D. JOSÉ CAMARGO DE BARROS, que merecidamente acaba de ser transferido para a importante diocese de São Paulo, dirigiu-se, creio que exclusivamente à Alemanha, em busca de obreiros evangélicos: padres seculares, religiosos e religiosas."

E, mais adiante: "As religiosas alemãs, por estarem mais afastadas do mundo, amoldam-se mais dificilmente à nova ordem de cousas. Assim, contaram-me (e o fato tem seu fundamento de verdade) que, na escolha das suas candidatas, quando não sejam alemãs ou oriundas de alemães, é tal o escrúpulo que delas têm que muito se parece com a parcialidade." "As Irmãs, em sua quase totalidade, são alemãs, vindas ultimamente da Europa, e tôdas ainda moças."

MANUEL DUARTE⁴⁴ também reconheceu, nos pastôres e padres, fatores poderosos de fomento da inassimilação, tanto assim que diz: "Dêsse inquérito, concebido sem nenhuma idéia preconcebida, resultou para nós a convicção de que, com os professôres das escolas coloniais, e os jornalistas alemães, são os padres os mais radicais, impenitentes e indefessos agentes da germanização das populações coloniais catarienses."

* * *

Não obstante a similitude de religião, a correlação lingüística e a identidade de etnia, o italiano revelou-se, também, refratário à assimilação. Não há elementos idôneos que permitam identificar, quanto à origem, qual o italiano mais inassimilável: se o meridional, o central ou o setentrional. Parece, no entanto, que o meridional foi o mais renitente, apurando-se assim, mais uma vez, o inverso do ocorrido em São Paulo.

É frisante o exemplo de Nova Trento, nos primórdios da colonização, quando ali existiam apenas italianos setentrionais: "Nas populações italianas, porém procedentes, como nós, da raça latina onde não existem os aludidos obstáculos, pronuncia-se franca inclinação à agre-

⁴³ HERBERT SPENCER: *Principes de Sociologie*, vol. IV, págs. 172 a 184.

⁴⁴ *Op. cit.*

gação com os nacionais, a incorporar-se à comunidade brasileira, sendo suficiente, para caracterizar essa tendência, mencionar o fato ocorrido em Nova Trento, onde, por ocasião de minha estada, se naturalizaram, num só dia, quarenta indivíduos, ficando, além disso, quase tôda a população disposta a seguir brevemente, êste exemplo, acontecimento ainda não observado, entre nós, nos colonos alemães.”⁴⁵

Essa agregação com o elemento nacional se manifestou, ainda, em Azambuja, consoante informação honesta.⁴⁶

Se a tendência à assimilação se verificou entre os primeiros colonos italianos, geralmente setentrionais (à exceção dos da colônia Nova Itália, que eram sardos), o mesmo se não pode dizer dos posteriores, os quais, segregados, repetiram a atitude germânica.

A segregação, a falta de escolas e de estradas, o desamparo oficial, o padre, o professor (que mandava buscar livros à Itália e os despachava na Alfândega de Florianópolis) — tudo isso, como entre os tudescos, contribuiu para que os italianos se retraíssem, fugindo a qualquer união com os brasileiros. E, sobretudo, assim agindo ainda por incitamento do próprio Governo italiano, que mantinha escolas em Santa Catarina e aconselhava seus súditos a se confederarem, para que, desta forma, melhor pudessem resistir à planificação.

DOMENICO BATOLOTTI fala a respeito da “associação federativa” dos colonos italianos em Santa Catarina, dizendo: “Per incitamento e il diretto intervento del R. Console Conte Roti, sorse un patto di federazione fra le colonie meridionale...”⁴⁷

E prossegue: “O título é “Federação dos colonos italianos no sul do Estado de Santa Catarina”; a bandeira (no original, tudo em idioma italiano) é formada das três côres italianas com aquêle título e a divisa; a divisa é “a união faz a fôrça”; a finalidade é pugnar pelos interesses da colônia e das sociedades confederadas, o respeito ao país que os hospede e à mãe-pátria; como, ainda, manter vivo o amor pátrio e inculcar, entre os membros componentes da colônia, o dever e a conveniência de se reunirem em um só “fascio”, para se sustentarem e se protegerem com maior eficácia; tratar da fundação de sociedades de mútuo socorro e de escolas para crianças. O distintivo será uma estrêla de prata com uma *fascetta*, que terá gravado o título, com as fitas tricolores.”

* * *

Alemães e italianos, como poloneses e russos, todos evitaram, com pertinácia e propósito indiscutido, a fusão com os nativos. Dos dois maiores grupos, alemães e italianos, o primeiro demonstrou maior homogeneidade, resistindo sempre à planificação, inclusive por processos subterrâneos. Fêz questão cerrada de ser alemão e, nesse caráter, educar os descendentes.

⁴⁵ Fala do Presidente GAMA ROSA, em 1884, à Assembléa Legislativa Provincial.

⁴⁶ Desembargador VIEIRA FERREIRA, *op. cit.*

⁴⁷ *Op. cit.*

BOLIVAR cristalizou, na trilogia “povoar, unir e educar”, a arte de governar na América.

No Brasil, tratou-se apenas da primeira, efetuando-se um povoamento *à outrance*, como se apontou inicialmente. Aos dirigentes nacionais, no Império, martelava o mito da densidade demográfica elevada, como se esta atestasse o índice vital de um povo. Promoveu-se, sem considerações prévias nem diretrizes, a vinda, aos milhares, de gente da Europa, a fim de espalhá-la pelas regiões sulinas do país. Fundaram-se a êsmo colônias e mais colônias, que se foram convertendo, como predissera SAINT HILAIRE, faz 120 anos, em Estados dentro do próprio Estado.

E a República não remediaria a imprevidência dos governantes, que permitiram a êsses núcleos se desenvolvessem à parte, como se in dependessem do Brasil. Espíritos avisados preocuparam-se com a gravidade do problema, julgado até, por certo governador catarinense, em época não muito distante, “de impossível solução”. Mas a administração estadual admitia e autorizava o funcionamento de “escolas primárias estrangeiras”, destinadas a crianças nascidas no Brasil. Ainda em 1931, o Govêrno do Estado, através de decreto intempestivo, admitindo o funcionamento de professôres primários estrangeiros, permitia que certas escolas, nas zonas de colonização, ministrassem “os seus programas em qualquer idioma”.

Se alemães e italianos se empenharam na manutenção dos quistos, é forçoso reconhecer que os brasileiros lhes favorecemos o estabelecimento de clima propício a êsse objetivo, fomentando ainda a separação de raças, especialmente no decorrer das campanhas eleitorais. Partidos e políticos brasileiros não titubearam, no afã de adquirir simpatias e votos, nos meios coloniais, de apontar ao repúdio do eleitorado de ascendência estrangeira candidatos de nomes genuinamente vernáculos. Em 1947, o processo repetiu-se, ainda que pareça incrível.

Se se formou o quisto, e se êsse se expandiu, passando a constituir perigo para a nacionalidade, há que, na apuração de responsabilidades, intimar, sob vara, em primeiro lugar, os governantes brasileiros, pois lhes cabe a culpa de haver, com o silêncio ou a indiferença, permitido que as crianças nascidas nas regiões de colonização e filhas de colonos não conhecessem outra língua e outra história diferentes das da pátria de origem dos pais.

Em 1940, havia, no Estado, 21 532 estrangeiros, mas 295 477 pessoas, ou 40% da população, falavam, no lar, habitualmente, idioma estrangeiro, especialmente o alemão (176 762 pessoas) e o italiano (95 602 pessoas).

As 176 762 pessoas que normalmente falavam o alemão se distribuíam assim:

Estrangeiros	11 416	(ou 6,46%)
Brasileiros naturalizados	1 648	(ou 0,93%)
Brasileiros natos	163 694	(ou 92,61%)
De nacionalidade ignorada	4	(ou 0,00%)
Total	176 762	(ou 100,00%)

E as 95 602 pessoas que se utilizavam do italiano como idioma diário, tinham a seguinte composição:

Estrangeiros	2 787 (ou 2,92%)
Brasileiros naturalizados	893 (ou 0,93%)
Brasileiros natos	91 916 (ou 96,15%)
De nacionalidade ignorada	6 (ou 0,00%)
Total	95 602 (ou 100,00%)

Na massa da população que se utilizava normalmente do idioma alemão ou da língua italiana, 93% e 96%, respectivamente, eram de brasileiros natos!

A NACIONALIZAÇÃO

A partir de 1937, desenvolveu-se em Santa Catarina, com energia sem precedentes, intensa campanha no sentido de abrasilizar os brasileiros educados à germânica ou à italiana, visando preferentemente à nova geração, ou seja à de crianças em idade escolar. De 1937 a 1942, fecharam-se 650 escolas, em média, que se não conformavam ao espírito da nacionalização, e logo substituídas por unidades escolares mantidas pelo Estado ou pelos municípios. Numerosas providências outras foram tomadas, também com energia, tendo em vista, notadamente, a resistência passiva dos atingidos. Já então a nacionalização tomava aspectos policiais agudos, em virtude da infiltração nazista, fomentada pelo nazismo nativo de coloração verde. Daí, a participação ativa do Exército, com o uso da força.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O censo de 1940 nos autoriza a distribuir, de acôrdo com a classificação abaixo, a população dos municípios catarinenses, segundo a densidade demográfica (habitantes por quilômetro quadrado):

DENSIDADE	Municípios
Densidade 0 a 10.....	16
De 11 a 20.....	10
De 21 a 30.....	7
De 31 a 40.....	5
De 41 a 50.....	3
De 51 a 60.....	2
De 61 a 70.....	—
De 71 a 80.....	—
De 81 a 90.....	—
De 91 a 100.....	—
De 100 e mais.....	1
TOTAL.....	44

Vê-se por aí que 18 dos 44 municípios, ou 40%, excedem a densidade compatível à condição agrícola, ou seja, em número razoável, de 20 habitantes por quilômetro quadrado, embora FILIPPO VIRGILI afirme

que a "civilização agrícola permite uma densidade de 30 a 40 e que a civilização industrial pode atingir 160".

Os 18 municípios referidos são: Florianópolis, Pôrto Belo, Biguaçu, Tubarão, Camboriú, Blumenau, Tijucas, São José, Araquari, Laguna, Itajaí, Timbó, Joinville, Jaraguá do Sul, Jaguaruna, Imaruí, Gaspar e Cresciúma.

Dez municípios, ou cerca de 23% (Araranguá, Brusque, Campo Alegre, Indaial, Nova Trento, Orleães, Palhoça, Rodeio, São Francisco do Sul e Uruçanga) se aproximam da densidade plausível, enquanto os 16 restantes, ou 38% (Bom Retiro, Caçador, Campos Novos, Canoinhas, Concórdia, Curitiba, Ibirama, Itaiópolis, Joaçaba, Lajes, Mafra, Pôrto União, Rio do Sul, São Joaquim, Serra Alta e Xapecó) têm população numéricamente deficiente.

Há, assim, três grupos de municípios com densidades respectivamente forte (18 municípios), regular (10 municípios) e fraca (16 municípios).

Examinando-se os três conjuntos, pode parecer que apenas o último venha a admitir colonização, ora pela sua fraca densidade, ora pelas suas excelentes possibilidades na agricultura. Demorando-se mais o estudo, porém, há de chegar-se à conclusão de que outros municípios ainda, nos dois grupos anteriores, comportam colonização, ou recolonização, conforme o caso, e que não será apenas de formação agrícola o tipo do colono requerido pelas condições econômicas regionais, onde avultam realizações industriais bem marcantes.

Qualquer movimento futuro de colonização, no Estado, não poderá fugir a três objetivos num *minimum* de exigências:

a) a vitalização da zona litorânea, povoada inicialmente por açorianos. É certo que a densidade dos municípios aí compreendidos é das mais altas no Estado, mas urge esclarecer que a densidade aludida resulta da divisão aritmética da população existente e da área municipal. Operando-se, entretanto, a dicotomização, isto é, considerando-se a população urbana separadamente da população rural, ver-se-á elevada concentração humana nas cidades e rarefação na superfície rural. Em certas comunas litorâneas, o despovoamento rural é progressivo em consequência da atração exercida pelas cidades. A produção agropecuária está praticamente desaparecida em alguns municípios, como, por exemplo, São Francisco do Sul, Laguna, Florianópolis, Pôrto Belo, Camboriú, etc., e, nos demais, em constante declínio. Municípios outrora auto-suficientes de gêneros alimentícios, principalmente, passaram à condição de importadores até, mesmo, de leite, ovos e hortaliças;

b) o povoamento e colonização de regiões, de ponderáveis proporções territoriais, que estão a exigir aproveitamento econômico, merecendo salientados os municípios de Xapecó, Joaçaba, Concórdia, Caçador, Ibirama, Itaiópolis, Rio do Sul, além de outros mais que, no cartograma da distribuição populacional, apresentam grandes manchas

brancas. O aspecto locacional envolve, entretanto, sutilezas capazes de comprometer a finalidade da obra, salvo se, na execução respectiva, obedecer ela a plano previamente elaborado. E compreende-se a ressalva em face das condições pouco favoráveis da distribuição humana no território catarinense, repetido aí, embora com intensidade não tão forte, o fenômeno nacional da aglomeração periférica e da ausência de centros interiores de importância, os quais, intervencidos, formariam o polígono circulatório das forças econômicas regionais ou nacionais;

c) a seleção do imigrante: etnia, capacidade de trabalho, formação sócio-cultural, objetivos econômicos. Há, a esse respeito, a cooperação valiosa da experiência adquirida em mais de um século decorrido em meio a imprevidências, a erros, a lutas.

A Santa Catarina não assiste mais o direito de errar em matéria de colonização: basta olhar o passado para saber qual o rumo do futuro: o passado, quando bem vivido, ainda é o melhor mestre.

*

RÉSUMÉ

L'auteur, Dr. LOURIVAL CAMARA, ancien Directeur du Département de Statistique de l'État de Santa Catarina et actuellement Chef du Service de Publicité de l' I.B.G.E., étudie dans cet article l'influence des étrangers et des colons dans l'État mentionné.

En s'appuyant sur les études du grand sociologue OLIVEIRA VIANA, l'auteur distingue trois groupes principaux dans la société brésilienne, c'est à dire: celui du Nord, représenté par le "sertanejo"; celui du Centre-Sud, représenté par le "matuto" et celui de l'Extrême-Sud, représenté par le "Gaucho". La population de l'État de Santa Catarina est divisée en trois zones anthropogéographiques bien distinctes:

a) — celle du bord de la mer; b) — celle de la colonisation proprement dite (située dans les vallées des principales rivières); c) — celle des champs (qui comprend la région montagneuse du centre); à chacune de ces zones correspondent des éléments humains bien typiques comme: le "praiano" (qui vit aux bords des plages), le colon et le "serrano" (qui vit dans les montagnes). Le praiano est décrit comme étant un descendant des agoréens, les populations constituées par cet élément vivent au bord de l'océan et démontrent une grande indolence, à cause de la mauvaise alimentation. En décrivant le serrano, l'auteur dit qu'il rappelle le bandeirante et le "mameluco", et présente un caractère accentué d'individualisme, tout en étant très réservé.

Après avoir fait ces considérations préliminaires, l'auteur passe à étudier la colonisation dans l'État de Santa Catarina. Il mentionne tout d'abord les causes qui ont fait échouer les premières tentatives de colonisation faite par la métropole et donne ensuite une idée historique de l'utilisation du colon étranger dans cet État du Sud. Des immigrants allemands, italiens, portugais, espagnols, turques, etc., sont arrivés en ondes successives, à partir de 1824, lesquelles se sont déplacées du centre vers le Sud. On n'a pas fait de la colonisation, mais on a plutôt laissé que la région se peupla par elle même. Aucune sélection judicieuse a été faite, il s'est produit de la sorte une grande promiscuité quant aux fonctions de chaque élément, leur localisation n'ayant pas été prévue". L'auteur observe encore que la colonisation faite par l'État officiellement est passive des mêmes remarques. Sous la dénomination de colons ont pénétré, depuis l'indépendance, dans l'intérieur de l'État de Santa Catarina des allemands, des autrichiens, des suisses, des portugais, des espagnols, des norvégiens, des français, des anglais, etc., ... étant donné que les allemands, les italiens, les polonais, les autrichiens et les russes figurent en plus grand nombre et ont montré une plus grande aptitude de fixation. En s'appuyant sur les données officielles, l'auteur donne une distribution des étrangers en 1940 dans l'État et qui est la suivante: 11 291 allemands, 3 928 italiens, 1 960 polonais, 372 syriens, 286 portugais, 144 espagnols, 54 uruguayens et 2 japonais. Les allemands se sont concentrés principalement dans la vallée de l'Itajaí (municipes de Blumenau, Gaspar, Itaipava, Timbó et Rodeio), dans la région de Joinville, de Brusque, etc., occupant plutôt des places distribuées dans tout l'État. Les italiens se sont établis plutôt dans la vallée du Tubarão, occupant principalement les municipes d'Araranguá, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concorórdia, Joaçaba, Videira et Xaçecó. Les polonais occupaient les municipes de Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Porto União, etc., et les russes se sont groupés dans les municipes de Urucanga, Crescúma, Porto União, Itaiópolis, Caçador, etc.

L'auteur fait, ensuite, une étude minutieuse des activités économiques des étrangers dans l'État de Santa Catarina, en commençant par les allemands, et considère comme tels tous les éléments provenant de l'Allemagne. Les allemands, observe l'auteur, commencent leurs activités comme agriculteurs. Lorsqu'ils obtiennent les faveurs du Gouvernement ou des Compagnies de Colonisation, ils achètent du terrain, environ 25 à 30 hectares, qu'ils payent en monnaie ou en échange de travail, comme construction de routes. Ils créent des industries à domicile et, en peu de temps, ils deviennent des petits propriétaires. Les propriétés allemandes présentent deux caractéristiques, suivant l'auteur: une autosuffisance garantie par la polyculture et l'esprit d'économie qui conduit à l'installation de petits ateliers mécaniques

dans la propriété. En vertu de l'esprit industriel et ruraliste des allemands on trouve un plus grand nombre de fabriques dans les municipes où prédomine les colons allemands. Leur bien-être économique réside principalement dans la possession d'une petite propriété, du régime de l'autosuffisance et du travail libre, la famille étant considérée non comme une cellule sociale mais comme une unité économique.

En étudiant, ensuite, la colonisation italienne l'auteur déclare qu'elle présente les mêmes caractères du système allemand. Les premiers immigrants italiens provenaient de la Sardaigne, ils ont été suivis par ceux du Sud et du Centre de l'Italie, ces derniers ayant été plus nombreux. L'activité agricole est basée sur la petite propriété et la liberté de travail. Les italiens cultivent généralement les espèces naturelles. Ils ont introduit la culture de la vigne et la production des vers à soie, tout en augmentant diverses cultures agricoles.

L'auteur, en faisant des considérations à propos des autres éléments, remarque que la colonisation faite par les polonais n'est pas recommandable pour l'État, tant au point de vue économique que du point de vue culturel.

Quant au nègre, l'auteur observe qu'il figure en très petit nombre dans la formation démographique de l'État, à cause probablement de l'horreur que l'immigrant allemand avait pour le nègre, ce qui explique l'absence du nègre dans la colonisation de la vallée de l'Itajaí et son apparition seulement en quelques points de la côte et de la montagne du Nord de l'État.

L'auteur met, ensuite, en évidence les bénéfices indiscutables apportés par la colonisation à l'État, tant au point de vue économique que du point de vue ethnique, social et culturel.

C'est à la main d'oeuvre étrangère que l'on doit attribuer la solidité de la structure économique de l'État, à cause de l'introduction de la polyculture, des nouvelles méthodes de travail et de machines agricoles, ainsi que de l'apport d'un nombre considérable d'ouvriers spécialisés et de machines pour l'industrie.

Dans la sphère sociale et culturelle, il faut encore mettre en évidence l'introduction d'un niveau de vie très élevé, ce qui explique l'indice très haut des habitants qui savent lire et écrire. C'est encore à la colonisation que l'on doit la richesse de quelques municipes de l'État comme: Blumenau, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Urucanga, Timbó.

Quant aux aspects négatifs de la colonisation, l'auteur indique plusieurs causes qui ont rendu les colons inassimilables et ont provoqué leur résistance à une planification sociale. L'auteur signale tout d'abord l'abandon dans lequel s'est rencontré l'immigrant. L'auteur étudie d'une manière particulière l'isolement dans lequel s'est maintenu l'immigrant allemand, sa résistance à l'assimilation a été plus grande. Les immigrants allemands ont été conduits vers des régions très distantes à l'intérieur de l'État, d'accès difficile, ce qui provoquait leur isolement économique et culturel, n'ayant aucun contact avec l'homme du littoral, duquel ils pouvaient d'ailleurs s'en passer puisqu'ils emportaient avec eux l'assistance indispensable du médecin, du pharmacien de l'ingénieur, du cordonnier, du maçon, etc.

En outre de l'isolement, d'autres facteurs ont contribué à l'inassimilation du colon allemand comme l'influence du Professeur, du Pasteur Protestant et du Père Catholique, ainsi que le sentiment très fortement cultivé de la nationalité allemande.

Quant à l'immigrant italien, son inassimilation a été provoquée par les mêmes causes qui ont déjà été indiquées pour les colons allemands, c'est à dire: isolement, manque d'écoles et de routes, l'abandon officiel, l'influence religieuse, etc., quoique les italiens aient une similitude de religion, de langue et de race avec les habitants du Brésil.

L'auteur critique ensuite la politique suivie par l'État de provoquer le peuplement à outrance, en permettant l'entrée dans l'État de n'importe quel immigrant et en grande quantité, sans aucun discernement ni aucune orientation, ce qui a permis la formation de véritables noyaux. A ce propos l'auteur accentue la responsabilité des gouvernants, en permettant que les fils des colons n'apprennent pas la langue et l'histoire du pays. Il y avait ainsi, en 1940, dans l'État 21 530 étrangers, desquels 295 477, soit 40% de la population de l'État, parlaient leur langue maternelle chez eux.

En concluant, l'auteur met en évidence trois aspects du problème de la colonisation qu'il considère importants pour la solution du même et qui sont les suivants: a) — la revivification de la zone du littoral, qui reçut des açoréens comme premiers habitants; b) — peuplement et colonisation des régions qui n'ont pas encore été colonisées et d'une manière spéciale les municipes de Xapacó, Caçador, Ibirama, Rio do Sul, Itaiópolis, Joaçaba, etc...; et c) — la sélection des immigrants, en tenant compte de l'aspect ethnique, social, culturel, etc. ... et dit encore qu'il faudrait profiter de l'expérience déjà acquise dans ce domaine pour atteindre à une meilleure solution.

RESUMEN

El doctor LOURIVAL CAMARA, antiguo director del Departamento Estadual de Estadística de Santa Catarina, y actual jefe del Servicio de Publicaciones del I.B.G.E., dedica este artículo al estudio del elemento extranjero y del colono en aquel Estado meridional. Siguiendo el criterio adoptado por el sociólogo OLIVEIRA VIANA, que distingue tres grandes grupos en el organismo de la sociedad brasileña (el grupo norte con el "sertanejo"; el grupo centro sur, con el "matuto"; y el extremo sur, con el "gaúcho"), divide aquel Estado en tres zonas antropogeográficas distintas: a) zona del littoral; b) zona de la colonización propiamente dicha, situada en los valles de los principales ríos; c) zona de los campos (comprendiendo la región fisiográfica serrana del centro). Corresponde a cada una de esas zonas un tipo representativo: el "praiano" (habitante de la Costa), el "colono" y el "serrano". El "praiano" proviene de los inmigrantes de la isla de los Azores y habita la costa del Atlántico, formando una población indolente, resignada y mal alimentada. El "serrano", reviviscencia del "bandeirante" y del "mameluco", posee carácter individualista y reservado.

Hechas esas consideraciones preliminares, pasa el autor a estudiar el problema de la colonización en el Estado.

Muestra primeramente las causas del fracaso de la colonización practicada por la metrópoli, haciendo a seguir rápido bosquejo histórico sobre la utilización del brazo extranjero en aquel Estado. Desde 1824, acorren al país, extendiéndose del centro para el sur, ondas inmigratorias de alemanes, italianos, portugueses, españoles, turcos, etc. No se hace colonización pero población. No se cuida de la selección de elementos, observándose en las levas inmigratorias gran promiscuidad funcional, ni se ocupa tampoco con la localización del alie-

nígena recién llegado. La colonización oficial del Estado, acentúa el autor, presenta los mismos verros y lagunas. Bajo la denominación de colonos penetran en masa el territorio de Santa Catarina desde la época de la Independencia, alemanes, austriacos, italianos, suizos, portugueses, españoles, noruegos, franceses, ingleses etc., ofreciendo los alemanes, italianos, poloneses, austriacos y rusos mayores contingentes numéricos y mayor capacidad de fijación.

Tomando por base cálculos oficiales, distribuye el autor los extranjeros presentes en el Estado, en 1940, de la siguiente manera: 11 291 alemanes, 3 928 italianos, 1 960 poloneses 372 sirios, 286 portugueses, 144 españoles, 54 uruguayos y 2 japoneses. Los alemanes se concentran principalmente en el valle del Itajaí (municipios de Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó y Rodeio), en Joinville, Brusque, etc.; los italianos se reúnen nel valle del Tubarão (municipios de Araranguá, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concordia, Joaçaba, Videira y Xaçepó). Los poloneses ocupan los municipios de Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Pôrto União, etc.; agrupándose los rusos en Uruçanga, Cresciúma, Pôrto União, Itaiópolis, Caçador, etc.. Hace después minucioso estudio de las actividades económicas de los extranjeros en aquella unidad de la Federación, empezando por los alemanes bajo denominación agrupa todos los elementos venidos de la Alemania. El alemán, señala el autor, empieza la actividad en el Estado, en general, como agricultor. Favorecido por el gobierno, o por las respectivas compañías colonizadoras, adquiere un lote de 25 a 30 hectáreas pagando el respectivo precio en cambio de la construcción de estradas o en especie.

Ejerce la industria en el domicilio tornándose en breve pequeño propietario rural. Dos características presenta la colonización alemana: la autosuficiencia que explica la policultura y el espíritu de economía que conduce a la multiplicidad de tareas, creando en el lote pequeñas oficinas mecánicas. El hecho de que el mayor número de fábricas existentes en el Estado tuvieron su localización en los municipios originarios de colonias alemanas atesta el censo industrial y el espíritu ruralista que distinguen al tudesco. El bienestar económico del colono queda, fundamentalmente, en la pequeña propiedad, autosuficiente y en el trabajo libre, constituyendo la familia no apenas célula social, sino también unidad económica.

Estudia después la colonización italiana en el Estado, hecha en condiciones análogas a las de la colonización alemana. Los primeros inmigrantes italianos vienen de Cerdeña, afluyendo más tarde elementos de todos los orígenes como meridionales, centrales, con el predominio de estos últimos. La agricultura se funda en la pequeña propiedad y en el trabajo libre. El italiano cultiva, en general, las especies naturales; introdujo también la viticultura y la sericultura, estimulando aun diversas culturas agrícolas.

Al tratar de la contribución de los restantes elementos extranjeros, desaconseja la colonización polonesa tanto del punto de vista económico cuanto del cultural.

Cuando trata del elemento negro, destaca el pequeño porcentaje con que contribuyó para la formación demográfica del Estado, presentando como causa el horror del inmigrante alemán al negro, alejando desde los comienzos de la colonización del valle del Itajaí la cooperación del negro que fué confinado en algunos puntos del litoral y en la región serrana del norte. Prosiguiendo, pasa el autor a examinar los aspectos positivos de la colonización destacando los beneficios indiscutibles que trajo al Estado no solamente económicos cuanto étnicos, sociales y culturales.

Al brazo extranjero se debe la solidificación del sistema económico regional en virtud de la introducción de la policultura, de métodos nuevos de trabajo y máquinas como de gran número de operarios especializados y equipos industriales.

En el campo social y cultural, menciona el autor la introducción de un padrón de vida bastante elevado, siendo de notar que el índice de alfabetización en el Estado es de los mayores del Brasil. Débese también a la colonización el apareamiento de los municipios más ricos del Estado como Blumenau, Joinville, Brusque, Río do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Uruçanga, Timbó, todos procedentes de antiguas colonias.

Al analizar los aspectos negativos de la colonización apunta como factores que contribuyeron para la inasimilación y resistencia del colono a la planificación social, diversas causas. Señala en primer lugar el aislamiento del inmigrante, sobre todo del colono alemán que con mayor tenacidad resistió a la asimilación.

Los inmigrantes alemanes fueron conducidos para zonas lejanas, de difícil acceso, aislados cultural y económicamente, sin contacto con el elemento nativo costero, del cual no necesitaban, pues de su país de origen habían traído el médico, el farmacéutico, el ingeniero, el zapatero, etc.

El autor explica aun el fenómeno de la inasimilación, indicando como factores la influencia del profesor, del pastor evangélico y del sacerdote católico y por último el fuerte sentimiento de solidaridad propio del tudesco.

Cuanto al elemento italiano apunta como causas de su inasimilación las mismas que contribuyeron para el aislamiento del alemán, como sean la segregación, la ausencia de escuelas y estradas, el desamparo oficial, la influencia del sacerdote, etc.

Crítica después la política *à outrance*, seguida por el Gobierno, que permitió el transporte al país de millares de inmigrantes sin ninguna discriminación ni directrices, lo que dió motivo a la formación de los "quistes" (núcleos extranjeros que resistieron a la asimilación), tolerando además que los hijos de los colonos desconociesen nuestra lengua y nuestra historia. Observa que en 1940 existían en Santa Catarina 21 530 extranjeros, acentuando que 295 477 individuos o cerca de 40% de la población, empleaban habitualmente en el hogar el idioma de origen.

En conclusión, apunta el autor tres objetivos principales que deben ser considerados para la solución del problema de la colonización, como sean: a) la vitalización de la zona costera, poblada inicialmente por el "agoriano" (habitante de los Azores); b) la población y colonización de extensas regiones que no fueron colonizadas, situadas especialmente, en los municipios de Xaçepó, Caçador, Ibirama, Río do Sul, Itaiópolis, Joaçaba, etc., y c) la selección del inmigrante según su origen étnico y formación social y cultural.

El autor llama finalmente la atención de los estudiosos para la necesidad de aprovechar la experiencia ya adquirida del problema de la colonización, experiencia que considera necesaria para la mejor solución del problema.

RESUMO

La aŭtoro, D-ro LOURIVAL CÂMARA, eksdirektoro de la Stata Departemento de Statistiko de Santa Catarina kaj nuna estro de la Servo de Publikaĵoj de I.B.G.E., dediĉas tiun ĉi artikolon al la studo de la alilanda elemento kaj de la koloniano en tiu suda ŝtato.

Apogante sin sur la sociologo OLIVETRA VIANA, kiu distingas tri grandajn grupojn en la organismo de la brazila socio, nome: la nordan grupon kun la *sertanejo*, la centra-sudan grupon kun la *matuto*, kaj la ekstreme sudan grupon kun la *gaucho*, li dividas la grupigon de Santa Catarina en tri distingajn antropogeografiajn zonojn: a) tiu de la oceana bordo; b) tiu de la gustasenca koloniigo (situacianta en la valoj de la ĉefaj riveroj); c) tiu de la kampoj (enkalkulanta la montan fiziografian regionon de la centro; al ĉiu el tiuj zonoj respondas unu reprezenta tipo: la marbordano, la koloniano kaj la montano. Priskribinte la marbordanon kiel la idon de la azorano, li lokalizas la marbordajn loĝantarojn ĉe la bordo de Atlantiko, kaj akcentas la apation de tiuj loĝantaroj maldiligentaj, rezignecemaj kaj malbone sin nutrantaj. Traktante pri la montano, korpa revivaĵo de la mizeriĉisto, de la mestizo, li akcentas ĝian karakteron individuisman kaj malmulte konfidenceman.

Farinte tiujn antaŭajn konsiderojn, la aŭtoro ekstudas la problemon de la koloniigo en la suda ŝtato. Komence li montras la kaŭzojn de la frakaso de la koloniigo farita de la metropolo, kaj poste verkas mallongan historian skizon pri la utiligo de la alilanda manlaboristo en tiu ŝtato. De 1824 al fluas al la lando kaj disetendiĝas de la centro al sudo enmigraj ondoj de germanoj, italoj, portugaloj, hispanoj, turkoj, k.t.p.... Oni ne faras koloniigon, sed loĝatigon. Oni ne zorgas pri la selekto de elementoj, kaj tiel rimarkigeblas en la enmigraj aroj granda mikseco funkcia; oni ankaŭ ne priokupiĝas pri la lokalizo de la ĵus alveninta alilandulo. La oficiala koloniigo de la ŝtato, la aŭtoro akcentas, prezentas la samajn erarojn kaj mankojn. Sub la nomo kolonianoj penetras amase la teritorion de Santa Catarina, ekde la epoko de la Sendependeco, germanoj, aŭstroj, italoj, svisoj, portugaloj, hispanoj, norvegoj, francoj, angloj, k.t.p.: germanoj, italoj, poloj, aŭstroj kaj rusoj prezentas pli grandajn nombrajn kontingentojn kaj pli grandan kapablon por fiksiĝo. Apogante sin sur oficialaj taksadoj, la aŭtoro dispartigas la alilandulojn ĉeestantajn en la ŝtato, en 1940, laŭ la jena maniero: 11 291 germanoj, 3 928 italoj, 1 960 poloj, 372 sirianoj, 286 portugaloj, 144 hispanoj, 54 urugvajanoj kaj 2 japanoj. La germanoj koncentriĝas, en la ŝtato, precipe en la valo de rivero Itajaí (komunumoj Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó, Rodeio), en Joinville, en Brusque, k.t.p., kaj disetendiĝas tra la tuta teritorio. La italoj loĝiĝas en la valo de rivero Tubarão, kaj disetendiĝas tra la komunumoj Araranguá, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concórdia, Joaçaba, Videira kaj Xaçapicaba. La poloj disetendiĝas tra la komunumoj Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Pôrto União, k.t.p., kaj la rusoj grupiĝas en Uruçanga, Cresciúma, Pôrto União, Itaipópolis, Caçador, k.t.p.

Poste li faras detalan studon pri la ekonomiaj aktivecoj de la alilanduloj en tiu federacia unuo, komencante de la germanoj, sub kies nomo li grupigas ĉiujn elementojn venintajn el Germanujo. La germanoj, la aŭtoro akcentas, komencas sian aktivecon en la ŝtato ĝenerale kiel terkulturisto. Protektata de la registaro aŭ de la koloniigaj kompanioj, li akiras unu terparcelon, je 25 ĝis 30 hektaroj, kaj pagas la koston per la konstruado de vojoj aŭ per objektoj. Li praktikas la industrian hejme, kaj baldaŭ fariĝas malgranda kampara proprulo. La aŭtoro montras du karakterizaĵojn, kiujn prezentas la kolonia terparcelo de la germano: la memsuficecon, kiu klarigas la polikulturon, kaj la ŝparemon, kiu kondukas al la multego de taskoj, kreante en la terparcelo malgrandajn mekanikajn laborejojn. Poste li reliefigas la industrian saĝon kaj la kamparan inklinton, kiuj distingiĝas la germanon, kaj li elstarigas la fakton, ke la plej granda nombro da fabrikoj ekzistantaj en la ŝtato estas lokigitaj en la komunumoj devenantaj de germanaj koloniigoj. La ekonomia bonstato de la koloniano kuŝas fundamente sur la malgranda propraĵo, memsufiĉa, kaj sur la libera laboro: la familio konsistigas ne nur socian ĉelon, sed ekonomian unuon.

Sekvante li studas la italan koloniigon, faratan en la ŝtato, kiu disvolviĝas en kondiĉoj analogaj al tiuj de la germana koloniigo. La unuaj enmigrintoj italaj venas el Sardinio, kaj poste alfluas elementoj de ĉiuj devenoj, kiel sudaj, centraj, precipe la lastaj. La terkulturo baziĝas sur la malgranda propraĵo kaj sur la libera laboro. La italo kulturigas ĝenerale la naturajn specojn. Li enkondukis la vinberkulturon kaj la silkokulturon, kaj ankaŭ kreskigis diversajn kampajn kulturojn.

Traktante pri la kontribuo de la ceteraj alilandaj elementoj, li malkonsilas la polan koloniigon tiel ekonomie kiel kulture.

Menciante la nigran elementon, li akcentas la malgrandan procenton, per kiu li kontribuis al la demografia formado de la ŝtato, kaj li prezentas kiel kaŭzon la abomenon de la germana enmigrinto al la nigro, kio forigis ekde la komenco de la koloniigo en la valo de Itajaí la kunlaboradon de la nigro, same kiel forpelis lin al disaj punktoj de la marbordo kaj al la monta nordregiono.

Poste la aŭtoro ekzamenas la pozitivajn aspektojn de la koloniigo, reliefigante la nediskuteblajn profitojn, kiujn ĝi alportis al la ŝtato tiel ekonomiajn kiel rasajn, sociajn kaj kulturajn.

Al la alilanda manlaboristo oni ŝuldas la solidigon de la regiona ekonomia armaturo, dank'al la enkonduko de la polikulturo, de novaj metodoj de laboroj kaj de maŝinaro same kiel de sennombraj specialigitaj laboristoj kaj de industriaj ekipaĵoj.

En la socia-kultura kampo estas necese akcenti la enkondukon de sufiĉe alta vivnormo, kaj oni devas rimarki ke la indico de legosciado en la ŝtato estas unu el la plej grandaj en Brazilo. Oni ŝuldas ankaŭ al la koloniigo la ekaperon de la plej riĉaj komunumoj de la ŝtato, kiel Blumenau, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Uruçanga, Timbó, ĉiuj devenantaj de antikvaj koloniigoj.

Analizante la negativajn aspektojn de la koloniigo, li indikas kiel faktorojn, kiuj kontribuis al la neasimilo kaj rezisto de la koloniano al la socia planigo, diversajn kaŭzojn. Li montras unue la izolitecon, en kiu estis lasita la enmigrinto. Koncerne la germanan kolonion, kiu pli obstine rezistis al la asimilo, la aŭtoro studas longe la fenomenon de izoliteco, al kiu li estis fordonita. La germanaj enmigrintoj estis aldirektitaj al regionoj malproksimaj, internaj, malfacile atingeblaj; ili apartiĝis kulture kaj ekonomie, perdis la kontakton kun la enlanda elemento de la marbordo, kaj ne bezonis ĝin, tial ke ili alportis el la devenlando la kuraciston, la farmaciiston, la inĝenieron, la ŝuiston, la masoniston, k.t.p.

Krom tiu izoliteco, la aŭtoro indikas aliajn faktorojn, kiuj kunefikis al la neasimilo de la koloniano, nome: la influon de la instruisto, de la protestanta pastro kaj de la katolika pastro, same kiel la forta socisento speciala en la germano.

Rilate al la itala enmigrinto, la aŭtoro klarigas kiel li sin montris rezista je la asimilo, malgraŭ la simileco de religio, la lingva interrespondeco kaj la rasa identeco; kaj li indikas kiel kaŭzojn de la fenomeno la izolitecon, la mankon de lernejoj kaj de vojoj, la regnan nesubtenon, la influon de la pastro, k.t.p., ĉio, kio kontribuis al la izoliteco de la germana elemento.

Li kritikas sekve la politikon de ĉiuriska loĝatigo, praktikatan de la Registaro, ĉar tiu politiko ebligas la venon en la landon de miloj da enmigrintoj, sen ia disigo aŭ direkto, kio okazigas la formadon de skistoj.

Li akcentas koncerne tion la respondecon de la regantoj, kiuj permesis ke la filoj de kolonianoj nesciu nian lingvon kaj nian historion. Tiel, en 1940, estis en la ŝtato, la aŭtoro observas, 21330 alilanduloj, kaj oni devas rimarki ke 295477 homoj, aŭ ĉirkaŭ 40% de la loĝantaro, parolis kutime en la hejmo la fremdan idiomon.

Konklude la aŭtoro elstarigas tri ĉefajn celojn konsiderotajn en la solvo de la koloniiga problemo, nome: a) la vivigono de la marborda zono, komence loĝatigita de la azoranoj; b) la loĝatigon kaj koloniigon de vastaj regionoj ankoraŭ ne kolonigitaj, precipe en la komunumoj Xapecó, Caçador, Ibirama, Rio do Sul, Itaiópolis, Joaçaba, k.t.p., kaj c) la selekton de la enmigrinto kun konsidero de lia raso kaj lia socia-kultura formado, k.t.p.... La aŭtoro reliefigas fine la sperton jam akiritan pri la koloniiga problemo, kaj opinias ke la utiligo de tiu sperto estas fundamenta por la plej bona solvo.

SUMMARY

The author, Dr. LOURIVAL CAMARA, former director of the Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina and now the head of the Publications Service of the I.B.G.E., devotes this article to the study of the foreign element and the colonists in that southern state.

The author bases his classification on that made by the sociologist, OLIVEIRA VIANA, who distinguishes three large population groups in Brasil, namely: the northerners, which group includes the inhabitants of the "Sertão"; the central-southerners, including those who live in the forests; and the far-southerners, including the gauchos. The inhabitants of Santa Catarina are similarly divided into three distinct anthropological groups, namely: a) the coastal inhabitants; b) the actual colonists located in the valleys of the principal rivers; and c) those living on the plains of the central highland. Corresponding to each of these zones the representative types of inhabitants are referred to respectively as: the "praiano", the "colone", and the "serrano". The coastal inhabitants descended from immigrants from the Azores who settled along the Atlantic coast, are indolent, apathetic, and undernourished. The plainsmen, substantially of the same type as the half-caste "bandeirantes", are individualistic and circumspect.

With these preliminary observations out of the way, the author goes on to study the problem of colonization in this southern state. First he points out the causes for the failure of the colonization that originated in the state capital, and then goes on with a brief historical outline on the use of foreign workers in that state. Starting in 1824, waves of German, Italian, Portuguese, Spanish, Turkish, and other immigrants entered the country, scattering themselves from the central to the southern parts. They did not actually colonize, but settled in the towns. No selection as to the type of immigrants was made, these arrivals having a great variety of occupations. Neither was there any thought given to the place of settlement of the new arrivals. The official colonization of the state, the author emphasizes, was subject to the same mistakes and deficiencies. Under the title of colonists, large groups of Germans, Austrians, Italians, Swiss, Portuguese, Spaniards, Norwegians, French, English, and others have settled in Santa Catarina since the era of independence. The Germans, Italians, Poles, Austrians, and Russians have the largest numerical contingents as well as a greater faculty for remaining permanently. Based on official estimates, the author breaks down, as follows, the foreigners present in the state in 1940: 11 291 Germans, 3 928 Italians, 960 Poles, 372 Syrians, 286 Portuguese, 144 Spaniards, 54 Uruguayans, and 2 Japanese. The Germans in the state are concentrated principally in the valley of Itajaí (Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó, and Rodeio counties), in Joinville, Brusque, and other parts — actually distributing themselves throughout the region. The Italians are located in the Tubarão Valley and scattered through the counties of Araranguá, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concordia, Joaçaba, Videira, and Xapecó. The Poles have settled in the counties of Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Porto União, and others; the Russians being found in Urucanga, Cresciúma, Pôrto União, Itaiópolis, Caçador, etc.

Following this, the author makes a detailed study of the economic activities in the state, starting with the Germans, under which classification he places all groups that originated in Germany. The German, the author states, generally starts his activities in the state as a farmer. Aided by the government or by a colonization company, he obtains 25 to 30 hectares of land, paying for it by working on road construction or in goods. He carries on home industries as well, soon becoming a small rural landowner. The author describes two characteristics which represent the German colonist: self-sufficiency, which explains the variety of crops grown; and thrift, which promotes a multitude of tariffs and the carrying out of small industries on his own property. Thus, emphasis must be given to the industrialization and rural spirit which distinguishes the German colony, and bringing out the fact that the largest number of industries located in the state are to be found in counties that were originally settled by Germans. The economic well-being of the colonists rests, fundamentally, on small land holdings, self-sufficiency, and owner-worked farms — the family being not only a social but also an economic unit.

The author then goes on to state that the Italian colonists have maintained a similar type of settlement to that of the Germans. The first Italian immigrants originated in Sardinia, later arrivals being from all parts of the country, but with those from central Italy predominating. Agriculture is based on small owner-worked landholdings. The Italians in general cultivate native crops, but also introduced the vine, silk, and various other agricultural crops.

In referring to the contributions of the remaining foreign elements, the author considers the colonization of the Poles ill-advised economically as well as culturally.

With reference to the negro element, the small influence they have had in the demographic make-up of the state is obvious, this being due no doubt to the aversion the German immigrant had toward the negro. They have kept away from cooperation with the negroes since the first colonization of the Itajaí Valley — relegating them to scattered sections of the coast and the highland region to the north.

Following this, the author examines positive aspects of the colonization, bringing out the indisputable benefits which it brought to the state, not only economically but also ethnically, socially, and culturally.

To the labor of the foreigner is due the solidification of the economics of the region thanks to the introduction of multi-crop farming, new methods, mechanization by numerous specialists, and the use of industrial machinery.

As to social and cultural considerations, the fact stands out that the colonists introduced a rather higher standard of living, and it must be noted that the state is among those with the highest literacy rates in Brazil. Also settled by the colonists are the richest counties in the state — namely Blumenau, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Urucanga, and Timbó — all the inhabitants of these being descended from the original immigrants.

Analyzing the negative aspects of this colonization, the author points out various causes for the lack of assimilation and resistance of the colonists to the social order. In the first place, the immigrants were left isolated, and as the German colonists were the most persistent in resisting assimilation, he studies at great lengths the isolation to which they were subject. The German immigrants went to distant areas in the interior which were difficult of access — segregated culturally and economically, out of contact with the coastal inhabitants which they did not like in any case, and bringing their own doctor, pharmacist, engineer, shoe maker, mason and the like.

Aside from this isolation, the author mentions other factors which contributed to the non-assimilation of the colonist, namely: the influence of the professor, the protestant pastor, the catholic priest, and the strong social sentiment so common among Germans.

With reference to the Italian immigrants, the author explains that they were rebellious to assimilation in spite of the similarity of religion, language, and ethnic origin to that of the native population. This was due to isolation, lack of schools and roads, official neglect, the influence of the priests, and other reasons; all these being similar to the causes that contributed to the isolation of the Germans.

The author then criticizes the former policies of the government toward immigration which permitted the arrival of thousands of foreigners without discrimination or direction, thus causing the formation of individualistic groups. This policy was accentuated by the governors who allowed the children of the colonists to grow up without a knowledge of the Brazilian language or history. Thus, in 1940, although there were only 21,530 foreign-born in the state, 295,477 persons (about 40% of the population) customarily used a foreign language.

In conclusion, the author raises three principal objectives that should be considered in the solution of the colonization problem, namely: a) revitalizing the coastal inhabitants who are descended from immigrants from the Azores, b) populating and colonizing the extensive regions which are still not colonized, especially in the counties of Xaçapé, Caçador, Ibirama, Rio do Sul, Itaiópolis, Joaçaba, etc., and c) the selection of immigrants, taking into consideration their ethnic origin, their social and cultural background, and other factors. The author then summarizes the experience already acquired through the colonization problem, and states that full advantage should be taken of this knowledge in order to arrive at a better solution to the problem.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser, Dr. LOURIVAL CAMARA, früherer Direktor der staatlichen Abteilung für Statistik des Staates Santa Catarina und jetziger Leiter der Abteilung der Veröffentlichungen des I.B.G.E. widmet diesen Artikel dem Studium des fremdstämmigen Elementes und der Pflanzler diesem Staates der Süden Brasiliens.

Er beruft sich auf den Soziologen OLIVEIRA VIANNA, welcher drei grosse Gruppen in der Organisation der brasilianischen Gesellschaft unterscheidet, nämlich: Die Nordgruppe mit dem Typ des "Sertanejos"; die Zentral-Südgruppe mit dem "matuto" und die extrem-süd-Gruppe mit dem "Gaucho". Darauf fassend teilt der Verfasser Gruppe von Sta. Catarina in drei abgesonderte antropogeographische Zonen:

a) die der Küste; b) die der Kolonisation, welche in den Tälern der wichtigsten Flüsse anzutreffen ist; c) die der Felder (die die physiographische Berggegend der Mitte umfasst), und jeder dieser drei Gruppen entspricht ein repräsentativer Typ: der Bewohner der Küste (praiano) der der Pflanzungen (Kolone) und der der Gebirge (Serrano). Er beschreibt den Küstenbewohner als den Nachfahren der Bewohner der Azoren, stellt fest, wo dieselben wohnen, an den Ufern des Atlantischen Ozeans, untertreicht die Apatie dieser indolenten Bevölkerung, die resigniert und schlecht ernährt sind. Dann geht er zum Bewohner der Gebirge über, wobei er nicht vergisst, dessen Individualismus und Reserviertheit zu bemerken.

Nachdem er diese einführenden Bemerkungen gemacht hat, studiert der Verfasser das Problem der Kolonisation dieses Staates. Zuerst erwähnt er die Gründe des Fehlschlags der Kolonisation, die von der Metropole aus versucht worden war, wobei er nicht vergass, einen kurzen historischen Überblick über die Benutzung des ausländischen Arbeiters zu geben. Von 1824 an begann die Immigration, von dem Zentrum aus nach dem Süden zu: Deutsche, Italiener, Portugiesen, Spanier, Türken, etc., wanderten dorthin. Es wurde nicht richtig kolonisiert, sondern man gründete Siedlungen. Auch wurden die Einwanderer nicht ausgewählt, nach ihren Tätigkeiten, sondern man konnte ein grosses Durcheinander der Berufe feststellen; wo die Siedlungen waren, wurde auch nicht festgelegt. Die offizielle Kolonisierung des Staates war mit densenen Fehlern und Lücken behaftet. Unter der Benennung von Landarbeitern kamen in grosser Anzahl seit der Unabhängigkeit Deutsche, Österreicher, Italiener, Schweizer, Portugiesen, Spanier, Norweger, Franzosen, Engländer, etc., in das Gebiet des Staates Santa Catarina, wobei die Deutschen, Italiener, Polen, Österreicher und Russen die grössere Anzahl lieferten; sie besaßen auch grössere Fähigkeiten der Anpassung und Zähigkeit. Indem der Verfasser sich auf offizielle Schätzungen beruft, teilt er die Ausländer, die im Jahre 1940 in Santa Catarina sind in folgende ein: 11 291 Deutsche, 3 928 Italiener, 1960 Polen, 372 Syrier, 286 Portugiesen, 144 Spanier, 54 Uruguayaner und 2 Japaner. Die Deutschen findet man in diesem Staate hauptsächlich im Tal des Itajaí (Bezirke von Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó, Rodeio), in Joinville, in Brusque, etc., wie auch sonst in allen Gegenden des Staates. Die Italiener sind hauptsächlich im Tal des Tubarão, in den Bezirken von Ararangua, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concordia, Joaçaba, Videira und Xaçapé. Die Polen sind in den Bezirken von Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Porto União, etc. anzutreffen, während die Russen in Urucanga, Cresciúma, Porto União, Itaiópolis, Caçador, etc. sind.

Dann macht der Verfasser ein genaues Studium der wirtschaftlichen Tätigkeiten der Ausländer jener Zone; er beginnt mit den Deutschen, wobei er alle jene Elemente, die aus Deutschland kamen, meint. Wie der Verfasser schreibt, fing der Deutsche meist als Landwirt seine Tätigkeit in jenem Staat an. Von der Regierung oder Siedlungskompanien begünstigt, kaufte er sein Land in der Grösse von 25-30 Hektar, den Kaufpreis zahlt er meist, indem er

Strassen baut, oder in Naturalien oder Geld. Seine kleine Industrie übt er in seinem Wohnsitz aus, und bald wird er kleiner Landbesitzer. Der Verfasser erwähnt zwei hauptsächlich Charakterzüge des Deutschen. Das ganz auf sich selber Gestelltsein, welches auch die Polykultur erklärt und seinen Sparsamkeitssinn, welcher zur Errichtung von kleinen mechanischen Werkstätten auf seinem Besitz führt. Ferner erwähnt er auch den Sinn für die Industrie wie auch den Hang zur Landwirtschaft des Deutschen, wobei er bemerkt, dass die grösste Zahl der im Staat bestehenden Fabriken dort zu finden sind, wo die Deutsche Einwanderung vorherrscht. Der Wohlstand dieser Einwanderer besteht hauptsächlich in dem Besitz von kleinen Ländereien, die sich selber völlig erhalten, wie auch in der freien Arbeit, wobei die Familie nicht nur eine soziale Zelle sondern auch eine wirtschaftliche Einheit ist.

Dann erwähnt der Verfasser die italienische Einwanderung, die in beinahe gleichen Bedingungen der deutschen vor sich ging. Die ersten italienischen Einwanderer stammen aus Sardinien, später kamen dann Italiener aller Gegenden. Die Landwirtschaft wird meist in dem kleinen Besitz ausgeübt, auch trifft man viele Italiener in freier Arbeit. Im allgemeinen treibt der Italiener Landwirtschaft, dann führte er die Weinkultur und Seidenkultur ein.

Bei der Aufzählung der anderen Einwanderer, ratet der Verfasser von der der Polen ab, seines aus Gründen der Wirtschaft oder von dem Gesichtspunkt der Kultur aus gesehen, ist dieselbe nicht ratsam.

Er erwähnt auch den Neger und hebt hervor, wie klein der Prozentsatz derselben in diesem Staat ist, er meint, dass die Ursache dieser so kleinen Anzahl von Schwarzen der Unwillen der Deutschen Einwanderer gegen dieselben war; seit dem Beginn der Kolonisierung des Tales des Itajajá war der Neger von dem Einwanderer von dort verdrängt worden, es blieb ihm daher nur ein Platz an der Küste und den Berge im Norden.

Dann führt der Verfasser die positiven Punkte der Kolonisation an, wobei er die unverkennbaren Wohltaten, die dieselbe dem Staate getan hat, anführt, diese Wohltaten erstrecken sich nicht nur auf die wirtschaftlichen sondern auch sozialen und kulturellen Seiten.

Dem ausländischen Arbeiter verdankt der Staat die Solidierung seiner wirtschaftlichen Stellung, dank der Einführung der Policultura wie auch von neuen Arbeitsmethoden, neuen Maschinen und, nicht zuletzt, dem Zuwandern von unzähligen spezialisierten Arbeitern und industriellen Werkzeugen.

Auf dem sozialen und kulturellen Feld muss besonders betont werden dass einerseits ein viel höherer Lebensstandard eingeführt wurde, wodurch auch zu erklären ist, dass die Zahl der Analphabeten in diesem Staat die kleinste ganz Brasiliens ist. Den Einwanderern verdankt der Staat auch die Bildung von den reichsten Stadtbezirken, wie Blumenau, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Uruganga, Timbó, alle von alten Siedlungen abstammend.

Bei der Analyse der negativen Seiten der Einwanderung erwähnt der Verfasser die Faktoren, die zur Nicht-assimilierung und Widerstand der Einwanderer zu einer sozialen Planung führten. Als ersten Grund gibt er die Isolierung der Einwanderer, in der sie zur Zeit der Einwanderung gelassen wurden. Um von dem deutschen Einwanderer zu sprechen, der den grössten Widerstand gegen die Assimilierung leistete, studiert er das Phänomen der Isolierung, in der er gelassen wurde. Diese deutschen Einwanderer wurden in ferne Gegenden des Staates, die schwer zu erreichen waren, geschickt wodurch sie kulturell und wirtschaftlich völlig von dem Einwohner der Küstengegend abgeschnitten waren; sie brauchten diese auch nicht, da sie gewöhnlich von ihrem Herkunftsort den Arzt, den Apotheker, den Ingenieur, den Schuster, Bäcker, etc. mitbrachten.

Ausser dieser Isolierung führt der Verfasser auch noch andere Gründe an, die zur Nichtanpassung des Einwanderers führten, wie der Einfluss des Lehrers, des katholischen und protestantischen Geistlichen wie auch das besonders starke soziale Gefühl des Deutschen.

Von dem italienischen Einwanderer sprechend, erklärt er wie auch dieser sich der Anpassung gegenüber weigert, trotz der Ähnlichkeit der Religion der Verwandheit der Sprache und ethnischer Gleichheit: dieser Widerstand gegen die Anpassung ist auch aus der Isolierung, dem Fehlen von Schulen und Wegen, der Gleichgültigkeit der Regierungsstellen dem Einwanderer gegenüber, dem Einfluss des Geistlichen, etc. zu erklären, alles dieselben Gründe, welche zu der Isolierung des Deutschen geführt hatten.

Dann kritisiert er die Bevölkerungspolitik der Regierung, *à outrance*, die es erlaubte, dass Tausende von Einwanderern ohne jede Auswahl oder Führung herankamen und dadurch die Bildung von Fremdkörpern förderten.

Dabei führt er besonders die Verantwortung der Regierung an, die es ermöglichte, dass die Kinder der Einwanderer unsere Sprache und Geschichte nicht kannten. So gab es im Jahre 1940 noch, wie der Verfasser selbst beobachten konnte, 21 530 Ausländern, wobei zu erwähnen ist, dass 295 477 Personen, oder ungefähr 40% der Bevölkerung des Staates, gewöhnt waren in fremden Sprache zu lesen oder zu sprechen.

Zum Abschluss erwähnt der Verfasser drei hauptsächlich objektive, die bei der Lösung des Problems des Einwanderers beobachtet werden müssen, a) die Belebung des Küstenlands, welches hauptsächlich von Azorianer bewohnt ist, b) die Bevölkerung und Kolonisierung der noch nicht bewohnten weiten Gegenden, besonders in den Bezirken von Xaçapé, Caçador, Ibirama, Rio do Sul, Itapopolis, Joaçaba, etc. und c) die Auswahl der Einwanderer, wobei seiner ethnischen Herkunft wie auch seiner sozialen-kulturellen Bildung Beachtung geschenkt werden muss, etc.... Der Verfasser betont zum Schluss, dass die Erfahrungen, die bis jetzt gemacht worden sind, benutzt werden, um dem Problem der Einwanderung und seiner Anpassung eine bessere Lösung zu geben.

RIASSUNTO

Il Dott. LOURIVAL CAMARA, ex-Direttore del Dipartimento Statale di Statistica di Santa Catarina, e attuale Capo del Servizio di Pubblicazioni dell'I.B.G.E., studia in quest'articolo l'elemento straniero ed il colono in quello Stato.

Adottando i criteri del sociologo OLIVEIRA VIANA, che distingue tre gruppi principali nell'organismo della società brasiliana (gruppo settentrionale, col "sertanejo"; centrale-meridionale, col "matuto"; e meridionale estremo, col "gaúcho"), divide lo Stato in tre zone antropogeografiche distinte: (a) zona litoranea; (b) zona della colonizzazione propriamente detta (valli dei fiumi principali); (c) zona dei "campos" (regione montuosa centrale). Corris-

nonde ad ogni zona un tipo caratteristico: rispettivamente, il costiero, il colono e il montanaro. Il primo, abitante della costa atlantica, discende dagli immigranti dalle Azzorre; forma una popolazione apatica, rassegnata e malnutrita. Il montanaro, reincarnazione del "bandeirante" e del meticcio bianco-indio, ha un carattere individualista e chiuso.

Passando allo studio del problema della colonizzazione di Santa Catarina, mostra le cause dell'insuccesso dei tentativi fatti dalla metropoli, ed espone un breve cenno storico sull'utilizzazione del lavoro straniero in quello Stato. A cominciare dal 1824, si succedono onde immigratorie, distribuendosi dal Centro verso il Sud: Tedeschi, Italiani, Portoghesi, Spagnoli, Turchi, ecc. Non si colonizza, si popola il paese. Non facendosi nessuna scelta, v'è grande varietà di elementi nelle leve d'immigranti; e nessuno si preoccupa della loro distribuzione territoriale. La colonizzazione promossa dallo Stato presenta gli stessi errori e difetti. Col nome di coloni, entrano in massa in Santa Catarina, dall'Indipendenza in poi, Tedeschi, Austriaci, Italiani, Svizzeri, Portoghesi, Spagnoli, Norvegesi, Francesi, Inglesi, ecc.: i maggiori contingenti sono di Tedeschi, Italiani, Polacchi, Austriaci e Russi; e sono questi i gruppi che mostrano maggiore capacità di fissarsi. Secondo dati ufficiali, gli stranieri presenti nello Stato erano, nel 1940: 11 291 Tedeschi, 3 928 Italiani, 1 960 Polacchi, 372 Sirii, 286 Portoghesi, 144 Spagnoli, 54 Uruguaiani e 2 Giapponesi. I Tedeschi si concentrano specialmente nella valle dell'Itajaí (municipi di Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó, Rodeio), e in Joinville, Brusque, ecc., ma sono sparsi anche nel resto del territorio; gli Italiani hanno sede principalmente nella valle del Tubarão (municipi di Araranguá, Brusque, Caçador, Campos Novos, Concordia, Joaçaba, Videira e Xaçapé); i Polacchi, nei municipi di Ibirama, Rodeio, Mafra, Canoinhas, Porto União, cc.; e i Russi in quelli di Uruganga, Cresciúma, Porto União, Itaiópolis, Caçador, ecc.

Segue uno studio minuzioso sulle attività economiche degli stranieri. Il Tedesco, ossia, l'immigrante proveniente dalla Germania, in generale comincia a lavorare come agricoltore. Favorito dal governo o da compagnie colonizzatrici, acquista un appezzamento di 25-30 ettari, pagandone il prezzo mediante lavoro nella costruzione di strade, o in denaro; sviluppa poi un'industria domestica, diventando in breve piccolo proprietario rurale. La colonizzazione tedesca ha due caratteristiche: l'autosufficienza, raggiunta mediante la varietà delle colture, e lo spirito di risparmio, che si esplica nella moltiplicazione delle attività, specialmente con la costituzione di piccole officine meccaniche. Il fatto che la maggior parte delle fabbriche esistenti nello Stato sono situate in municipi sedi di antiche colonie tedesche attesta il senso industriale e lo spirito rurale dell'immigrante di questa nazionalità. Il benessere economico del colono dipende essenzialmente dalla piccola proprietà, dall'autosufficienza e dal lavoro libero; la famiglia non costituisce solo una cellula sociale, ma anche un'unità economica.

La colonizzazione italiana è attuata in condizioni analoghe a quelle della tedesca. I primi immigranti erano sardi; più tardi affluirono elementi dall'Italia Meridionale ed ancor più dalla Centrale. L'agricoltura si fonda sulla piccola proprietà e sul lavoro libero. L'italiano, in generale, coltiva le specie locali, ma ha introdotto la viticoltura e la sericoltura, ed ha sviluppato varie altre colture.

Passando in rassegna il contributo degli altri elementi stranieri, l'autore considera poco soddisfacente la colonizzazione polacca, sia dall'aspetto economico sia da quello intellettuale.

L'elemento negro ha contribuito in minima proporzione alla formazione demografica dello Stato; ciò si deve all'orrore dell'immigrante tedesco per il negro, che, fin dall'inizio della colonizzazione, fu escluso dalla valle dell'Itajaí, e rimase confinato in alcuni punti della costa e nella regione montuosa settentrionale.

L'autore esamina gli aspetti positivi della colonizzazione, ponendo in evidenza gl'indiscutibili benefici economici, ed anche etnici, sociali ed intellettuali che essa ha arrecato allo Stato. Si deve all'opera straniera il consolidamento della struttura economica regionale, mercè l'introduzione della policultura, di nuovi metodi di lavoro, di macchine, di numerosi operai specializzati e d'attrezzamento industriale. Nel campo sociale ed intellettuale, si deve riconoscere l'introduzione di un tenor di vita relativamente elevato; l'indice di alfabetismo dello Stato di Santa Catarina è uno dei più alti del Brasile. La colonizzazione ha anche promosso la formazione dei più ricchi municipi dello Stato, come Blumenau, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Jaraguá do Sul, Ibirama, Uruganga, Timbó, tutti sorti da antiche colonie.

Analizzando, poi, gli aspetti negativi della colonizzazione, l'autore cita diversi fattori che hanno contribuito alla non assimilazione ed alla resistenza del colono contro il coordinamento economico nella collettività. Anzitutto, l'isolamento in cui è stato lasciato l'immigrante. L'autore studia specialmente l'isolamento del colono tedesco, che ha resistito con maggior tenacia all'assimilazione; gl'immigranti, avviati a zone interne, lontane e di accesso difficile, privi di contatti economici ed intellettuali e di relazioni con la popolazione della zona costiera, finivano col non sentire il bisogno di questi vincoli, anche perché avevano tratto seco, dal paese d'origine, il medico, il farmacista, l'ingegnere, il calzolaio, il muratore, ecc. Altri fattori di non assimilazione: l'influenza del maestro, del pastore protestante, o del prete cattolico, ed anche il forte sentimento sociale, tipico del Tedesco.

Anche l'immigrante italiano si è mostrato refrattario all'assimilazione, — nonostante la comunanza della religione, l'analogia della lingua e l'affinità etnica, — per varie cause: la segregazione, la mancanza di scuole e di strade, l'abbandono governativo, l'influenza del sacerdote, ecc., cioè le stesse cause che hanno determinato l'isolamento dell'elemento tedesco.

L'autore critica la politica di popolamento ad oltranza praticata dal governo, col permettere l'entrata di migliaia d'immigranti, senza alcuna scelta o direttiva; politica che ha determinato la formazione di "cisti" (nuclei stranieri non assimilati). Insiste sulla responsabilità dei governanti, i quali hanno tollerato che i figli dei coloni ignorassero la nostra lingua e la nostra storia: nel 1940 v'erano soltanto 21 530 stranieri nello Stato, ma ben 295 477 persone (circa il 40% della popolazione) parlavano abitualmente in casa una lingua straniera.

Concludendo, rileva tre fini principali da considerare nella soluzione del problema della colonizzazione, cioè: (a) dare nuova vitalità alla zona litoranea, popolata inizialmente da coloni delle Azzorre; (b) popolare e colonizzare vaste regioni non ancora sfruttate, specialmente nei municipi di Xaçapé, Caçador, Ibirama, Rio do Sul, Itaiópolis, Joaçaba, ecc.; (c) selezionare l'immigrante, tenendo conto della sua origine e formazione sociale e intellettuale, ecc. Da ultimo, mette in rilievo l'esperienza già acquisita dei problemi della colonizzazione, che dev'essere applicata per la migliore soluzione di essi.